

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA CAROLINA GONÇALVES

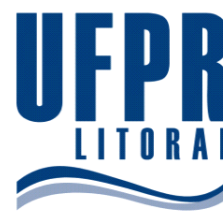
POTENCIAIS PARA O TURISMO E ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NA  
GESTÃO DO TURISMO: O CASO DO GUARAGUAÇU, PONTAL DO PARANÁ.

MATINHOS

2015



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral



MARIA CAROLINA GONÇALVES

POTENCIAIS PARA O TURISMO E ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NA  
GESTÃO DO TURISMO: O CASO DO GUARAGUAÇU, PONTAL DO PARANÁ

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Tecnóloga em Turismo  
do curso de graduação de Tecnologia em Gestão  
de Turismo, Universidade Federal do Paraná –  
Setor Litoral.

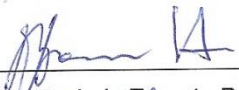
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Beatriz Leite Ferreira  
Cabral

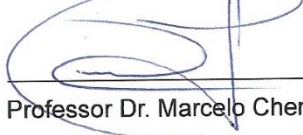
### ATA FINAL DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos nove dias do mês dezembro de 2015, às 15:00 horas na sala 25 A da UFPR – Setor Litoral reuniu-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, constituída pelos professores Dr. Luiz Ernesto Brambatti, Dr. Marcelo Chemin e Dra. Carla Beatriz Franco Ruschmann, sob a presidência da professora Ma. Beatriz Leite Ferreira Cabral. O Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UFPR de autoria da aluna Maria Carolina Gonçalves, sob o título: “*POTENCIAIS PARA O TURISMO E ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NA GESTÃO DO TURISMO: O CASO DO GUARAGUÁÇU, PONTAL DO PARANÁ*”. O conceito atribuído foi: APL. A aluna terá o prazo de 15 (quinze) dias para fazer as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final impressa em capa dura e em CD com arquivo em PDF para a Assessoria da Câmara.


Matinhos, 9 de dezembro de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
Professora Ma. Beatriz Leite Ferreira Cabral

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Luiz Ernesto Brambatti

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Marcelo Chemin

  
\_\_\_\_\_  
Professora Dra. Carla Beatriz Franco Ruschmann

  
\_\_\_\_\_  
Maria Carolina Gonçalves

Este trabalho é dedicado a comunidade do Guaraguaçu, pela história, resistência e atratividade da sua localidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Realizar este trabalho de certa forma é um processo pelo qual se adquire profunda admiração e agradecimento por várias pessoas, sem as quais tal realização não se completaria. Desde já agradeço a todos que estiveram envolvidos à este ciclo.

À Prof.<sup>a</sup> Me. Beatriz Leite Ferreira Cabral, paciente e transmitindo confiança, na qual tive o privilégio de ser orientada nesta caminhada, ao Prof. Dr. Marcelo Chemin que fizeram de nossos diálogos um crescimento, ao Prof. Dr. Luiz Ernesto Brambatti estando em campo misturando conhecimento e emoção, a todo o corpo docente pelos ensinamentos transmitidos, aos servidores técnicos desta instituição e ao diferenciado projeto político pedagógico da UFPR Setor Litoral no qual me proporcionou oportunidades e diferentes olhares que irei levar para o eterno profissional.

Aos meus pais Janete R. de Oliveira e Edson Gonçalves por não medir esforços durante esta caminhada, orgulhosamente pela pessoa que me tornei, vocês vão estar eternamente em tudo o que eu fizer, obrigada!

À minha tia, amiga e madrinha Saleti S. de Oliveira na qual a sua trajetória de vida é para mim uma referência. À minha amada avó Antônia S. de Oliveira pelo aprendizado e história de vida, que “sim podemos ter tempo para tudo, principalmente para a família”.

Ao meu querido amor Rafael R. Gonçalves pelo incentivo e incrivelmente companheiro em todas as fases deste trabalho.

À dona Conceição Ramos Constante por dispor do seu tempo, nas conversas que foram de auxílio para construção deste trabalho, na qual é imensa sua dedicação à comunidade do Guaraguaçu.

Às amigas profissionais Elizabete S. Pereira e Sueli de L. Colli pela parceria e suporte durante as coletas de dados, mas principalmente por ter sido tão divertido dividir esses momentos de pesquisas com vocês. Às amigas e colegas de percurso Maria Luiza Nodari (Malu), Silvia de F. Scremin (Silvinha) e Hevyllyn da S. Gouveia (Hevy), pelos trabalhos, viagens e saberes compartilhados nestes anos intensos de graduação. Pelas experiências vivenciadas com a turma de tecnologia em Gestão de Turismo, ano 2012. E propositalmente no final para que fique de lembrança em especial à minha afilhada Nathaly V. de Oliveira, que nasceu durante esta graduação, por tudo o que ela ainda está por alcançar.

À Deus, pela fé que nos faz mover montanhas.

“Reescreva-se, republique-se,  
reinvente-se e transforme-se na  
melhor edição feita por você.”

Fernanda Mello.

## **RESUMO**

O presente estudo demonstra os potenciais atrativos para o turismo na comunidade do Guaraguaçu, Pontal do Paraná, partindo daí foram pesquisados os atrativos turísticos consolidados pela comunidade e os atrativos potenciais que podem vir a ser desenvolvidos e administrados pela comunidade do Guaraguaçu, localizada na área rural de Pontal do Paraná. A partir da análise e levantados realizados em campo foi identificado o turismo de base comunitária como segmento perfil para a comunidade que pode vir a ser desenvolvido. A pesquisa foi classificada como descritiva, bibliográfica e de campo, em campo observou, registrou, analisou sem interferir nos mesmos. Foi identificado que o turismo acontece na comunidade ainda que sem grandes expressões de mudanças e que os moradores desejam que a atividade turística seja organizada e integrada com o modo de vida local para geração de emprego e renda, além de preservar sua história e costumes.

Palavras chaves: Atrativo Turístico; Comunidade Local; Pontal do Paraná; Guaraguaçu.

## **Abstract**

This study demonstrates the potential attractions for tourism in the Guaraguaçu community, Pontal do Paraná, starting there were researched the tourist attractions consolidated by the community and potential attractions that can be developed and administered by the Guaraguaçu community, located in the rural area of Pontal do Paraná. From the analysis conducted and collected in the field was identified community-based tourism as a profile segment for the community that might be developed. The research was classified as descriptive, bibliographical and field, field observed, recorded, analyzed without interfering with them. It was identified that tourism takes place in the community even without great expressions of changes and that residents want the tourist activity is organized and integrated with the local way of life to generate employment and income, as well as preserving its history and customs.

Key words: Tourist Attractive, Local Communities, Pontal do Paraná, Guaraguaçu.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1: PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE COM RELAÇÃO A ATIVIDADE TURÍSTICA.....	03
QUADRO 2: ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	06
QUADRO 3: QUADRO CONCEITUAL DAS DIMENSÕES DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	13
QUADRO 4: CATEGORIAS, DEFINIÇÕES E EXEMPLOS DE ATRATIVOS TURÍSTICOS.....	21
FIGURA 1: PONTAL DO PARANÁ – COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	27
FIGURA 2: PRINCIPAIS ESTRADAS QUE DÃO ACESSO AOS MUNICÍPIOS BALNEÁRIOS LITORÂNEOS.....	29
FIGURA 3: VISTA AÉREA DA VILA DE PRAIA DE LESTE DE 1953.....	31
QUADRO 5: ATRATIVOS CONSOLIDADOS E ATRATIVOS NÃO CONSOLIDADOS PERTENCENTES A COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	34
FIGURA 4: CAFÉ CAIÇARA DO GUARAGUAÇU, UFPR - SETOR LITORAL.....	40



FIGURA 5: ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU ATÉ PONTAL DO SUL.....	45
--	----

FIGURA 6: CAMINHADA NA NATUREZA CIRCUITO ECO-CULTURAL DO GUARAGUAÇU.....	49
--	----

FIGURA 7: ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU, EVENTO CAMINHADAS.....	50
---	----

QUADRO 6: FLORA PARA O EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL.....	55
--	----

FIGURA 8: ARTESANATO INDÍGENA M'BYA GUARANI.....	58
--	----

FIGURA 9: APRESENTAÇÃO DO PRATO TÍPICO CAMBIRA.....	59
---	----

QUADRO 7: PRATO TÍPICO CAMBIRA – PONTAL DO PARANÁ .....	62
---	----

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
1.1 OBJETIVOS.....	03
<b>2. METODOS E PROCEDIMENTOS.....</b>	<b>05</b>
<b>3. COMUNIDADES LOCAIS E O TURISMO .....</b>	<b>08</b>
3.1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	10
3.2 TURISMO SAZONAL, CARACTERÍSTICAS.....	16
3.3 ATRATIVOS.....	19
3.4 O ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES EM EVENTOS.....	23
3.5 O PLANEJAMENTO DO ESPAÇO TURISTICO.....	25
<b>4. PONTAL DO PARANÁ MUNICÍPIO BALNEÁRIO.....</b>	<b>27</b>
<b>5. O GUARAGUAÇU .....</b>	<b>33</b>
5.1 TURISMO DE DENTRO PARA FORA, PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....	33
<b>6. ATRATIVOS CONSOLIDADOS PELA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU.....</b>	<b>35</b>
6.1 RIO GUARAGUAÇU.....	35
6.2 SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI DO GUARAGUAÇU .....	36
6.3 ENGENHO DE FARINHA.....	38
6.4 CAFÉ CAIÇARA DO GUARAGUAÇU.....	39
6.5 ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU, ESTRADA DOMINGOS MESQUITA SANTANA.....	43

<b>7. ATRATIVOS POTENCIAIS IDENTIFICADOS NÃO CONSOLIDADOS PELA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU .....</b>	<b>52</b>
7.1 OS FOLIÕES E O FANDANGO - RESGATE HISTÓRICO.....	52
7.2 ARTESANATO, SABORES E SABERES.....	54
7.3 ALDEIA INDÍGENA M'BYA GUARANI .....	57
7.4 PRATO TÍPICO CAMBIRA.....	60
<b>8. EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA COMUNIDADE E EQUIPAMENTOS DE APOIO DA CIDADE.....</b>	<b>65</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>10. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>11. ANEXOS.....</b>	<b>73</b>

## 1.INTRODUÇÃO

“É necessário que todos os envolvidos tenham conhecimento dos impactos que o turismo pode provocar, e por isso, identificar a percepção por parte dos envolvidos, é fundamental quando se fala em desenvolvimento turístico” (BATISTEL; 2011, p. 09).

É importante estar atento para perceber a relação sobre a impressão que a comunidade têm sobre com a atividade turística, caso contrário, é superficial insistir em uma atividade que não é aprovada pelo receptores locais. Segundo o estudo de Colli<sup>1</sup> (2012) a comunidade foi unânime concordando com o uso do sambaqui do Guaraguaçu e da Estrada Ecológica como potencial roteiro turístico (COLLI, 2012; p. 10), ainda em sua pesquisa aponta que em 2012 a comunidade do Guaraguaçu recebeu a média de 500 pessoas agendadas pelo município para conhecer o sítio arqueológico e a tribo indígena M'bya Guarani. Nos dias atuais, a atividade turística já está ingressando lentamente na comunidade com visitantes temporários, caracterizados pela permanência de menos de 24hs no local, o evento mais consolidado com grupos diversos é a Caminhada na Natureza Circuito Eco-Cultural do Guaraguaçu que acontece a oito anos é referência para o local atraindo apreciadores do bem estar e da natureza em um percurso de 10km. A vantagem de se ter de base atrativos naturais e culturais é que não se prende à determinada época do ano para se ter um fluxo de visitantes.

O Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDTIS; 2009) aponta as principais dificuldades encontradas em Pontal do Paraná para o desenvolvimento da atividade turística, à Gestão e Articulação Institucional: recursos humanos e financeiros; e o pouco entendimento da gestão pública sobre turismo, sendo que algumas questões básicas como atualização de documentos estão desatualizadas, talvez seja essa, a maior dificuldade encontrada na articulação da administração turística no município.

---

<sup>1</sup>Estudo relacionado com a viabilidade de visitação turística ao Sambaqui do Guaraguaçu, em sua pesquisa foram aplicados trinta questionários (COLLI 2012).

No Guaraguaçu o seu ponto de referência maior é o Rio Guaraguaçu e a “Estrada das Praias” PR 407. A vestígios da ocupação desta área do Guaraguaçu há cerca de 150 anos (BATISTEL, 2011), tanto o rio como a rodovia são pontos em que cortam a comunidade, seus primeiros habitantes utilizavam o rio como principal canal de comunicação e sobrevivência. Nos terrenos alagadiços, por vezes plantavam arroz, além de praticar a horticultura para suprir a demanda dos balneários que estavam em expansão. Atualmente, por questões legais, especulação imobiliária e mudanças de hábitos uma das atividades ainda desenvolvida na região é a pesca, em consequência a esta mudança nota-se pelo número de farinhas, de 10 que existiam na comunidade hoje resta apenas uma em ruínas (RAMOS, CONSTANTE; 2013). Segundo dados da Secretaria de Saúde de Pontal do Paraná (2013), o Guaraguaçu tem cerca de 300 moradores, totalizando 85 famílias, e por muito tempo destes que ainda residem na comunidade viveram do extrativismo do cipó, do palmito, do bambu, da palha, da pesca e de atividades rurais, dedicando-se ao plantio de aipim, abacaxi, banana, feijão e milho (RAMOS e CONSTANTE, 2013; p. 14).

No Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo (PDTIS 2009; p.70), na sua classificação da hierarquização dos atrativos do Litoral Paranaense, o Sambaqui do Guaraguaçu<sup>1</sup> é classificado como o de maior potencial de atratividade cultural para o município de Pontal do Paraná. Segundo Batistel (2011), em sua pesquisa sobre o georeferenciamento e percepção da comunidade do Guaraguaçu quando os moradores do Guaraguaçu foram questionados sobre a atividade turística como meio de desenvolvimento local os resultados se mostraram positivos” (BATISTEL, 2011; p. 29), “O Guaraguaçu está sendo muito procurado por ser um lugar calmo, próximo ao rio, e a natureza presente, usado pelos veranistas como refúgio dos grandes centros urbanizados” (BATISTEL, 2011; p. 25).

---

<sup>1</sup> O Sambaqui teve nota III, sendo a terceira a de maior valor para o desenvolvimento turístico da área, logo atrás do Sambaqui vem a Estrada Ecológica com o índice (nota) II, também localizada no Guaraguaçu. Atrativo de hierarquia III é considerado aquele que possui “excepcional valor e de grande significado para o mercado turístico, capaz de motivar importantes correntes de visitantes, atuais ou potenciais, tanto internacionais como nacionais, índice de 2.30 a 3.00 pontos” (PDTIS, 2009; p.70)

Batistel (2011) aponta conforme os 58 entrevistados na comunidade resultados importantes relacionados com a percepção da comunidade para com a atividade turística, a seguir, será apresentado os principais resultados da pesquisa referentes ao turismo:

**PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE COM RELAÇÃO A ATIVIDADE TURÍSTICA,  
(BATISTEL,2011; p.32-36)**

<b>58 entrevistados (%)</b>	<b>ATIVIDADE TURÍSTICA</b>
93%	Apontam o turismo como meio de desenvolvimento local
90%	Declararam existir pouca infraestrutura para atender o turismo
50%	Aumento de empregos para as famílias com a atividade turística
17%	Valorização de atrativos locais
09%	O turismo como incentivador de investimentos públicos
09%	Valorização e resgate cultural
03%	Disseram o turismo não fazer diferença

QUADRO 1: PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE COM RELAÇÃO A ATIVIDADE TURÍSTICA

FONTE: BATISTEL, 2011; p.32-36. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

Na pesquisa de Batistel (2011), sobre a percepção dos moradores de quais pontos do Guaraguaçu é um local turístico, foram destacados os seguintes espaços que tem maior atratividade para os moradores: o rio Guaraguaçu, Sambaqui do Guaraguaçu, Estrada Ecológica (evento Caminhada na Natureza), a natureza (pássaros, mangue e fauna), Marinas; (BATISTEL, 2011; p. 31). Diante deste quadro teórico e técnico, e pelo breve conhecimento da região do Guaraguaçu, este trabalho se desenvolveu a partir desta pergunta problema: Quais atrativos e serviços existentes na comunidade do Guaraguaçu associados à atividade turística, que podem complementar a oferta dos atrativos culturais já consolidados na comunidade?

### 1.1 Objetivos

Objetivo geral: analisar os atrativos potenciais para o turismo na comunidade do Guaraguaçu, Pontal do Paraná, como forma de contribuir em material de pesquisa para desenvolvimento turístico na comunidade.

Objetivos Específico: a) Descrever os atrativos turísticos consolidados presentes na comunidade; b) Descrever os atrativos potenciais que podem se desenvolver na comunidade; c) Identificar serviços turísticos na comunidade;

O processo que levou à escolha da comunidade do Guaraguaçu para campo desta pesquisa se deu por conta do “Projeto de Aprendizagem” (PA), módulo diferenciado aplicado de acordo com o projeto político pedagógico da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, atividade que trabalha desde o desenvolvimento metodológico à preparação para o exercício profissional e aplicada durante os anos de graduação, com a proposta de construir seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade dividida em três eixos: conhecer e compreender, compreender e propor, propor e agir.

O tema do projeto, nos dois anos iniciais, foi o Sambaqui do Guaraguaçu, produzido em dupla, esse processo desencadeou a pesquisa: “Otimização Turística do Sambaqui do Guaraguaçu, Pontal do Paraná” (ANEXO 4), que resultou em artigo científico, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Carla Beatriz Franco Ruschmann, foi aprovado e apresentado durante o IX Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, realizado em Foz do Iguaçu em junho de 2015. Durante o movimento do PA, foi identificado pelo autor um campo de pesquisa mais amplo do que apenas a área em torno do sítio arqueológico, o que despertou o interesse pela pesquisa.

## 2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

O método escolhido para o autor se basear para realizar esta pesquisa é o estudo de caso, conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados, utilizando experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análises de informações arquivadas ao longo da pesquisa, sendo a maioria uma abordagem qualitativa. Uma das fontes de informações mais importantes são as entrevistas e saídas em campo e a partir deste contato direto com a realidade é possível obter resultados expressivos. A tendência do estudo de caso é tentar esclarecer decisões a serem tomadas, ele investiga um fenômeno novo partindo do seu contexto real, por não possuir pesquisas relacionadas, utiliza de múltiplas fontes de evidências, esse modelo de pesquisa pode ajudar na busca de novas teorias e questões que provavelmente serão de base para futuras investigações. Existem alguns modelos de estudos de caso sugerido por Robert K. Yin em seu livro “Estudo de casos – planejamento e método”, (YIN; 2001):

- a) Exploratórios: quando se quer encontrar informações preliminares sobre o assunto estudado. Para este estudo, uma boa abordagem é quando se utiliza de considerações rivais, em que existem diferentes perspectivas, aumentando as chances de que o estudo seja um modelo exemplar.
- b) Estudo de Casos Descritivos: cujo objetivo é descrever o Estudo de Caso.
- c) Analíticos: quando se quer problematizar ou produzir novas teorias que irão procurando problematizar o seu objeto, construir ou desenvolver novas teorias que irão ser confrontadas com as teorias que já existiam, proporcionando avanços do conhecimento.

Nesta primeira seção foi apresentado ao leitor os aspectos metodológicos da pesquisa, a segunda seção a seguir abordará referências bibliográficas sobre o desenvolvimento de ações do turismo relacionadas ao envolvimento de comunidades locais. A terceira seção retratará para o leitor aspectos históricos do município de Pontal do Paraná, a quarta seção são os resultados da percepção dos moradores



relacionado com a atividade turística, na qual permitiu uma percepção detalhada do local. Na quinta seção será apresentado os atrativos consolidados pela comunidade e os atrativos identificados pela autora, potenciais que futuramente poder ser desenvolvidos para ser administrados pela comunidade, na sexta seção a conclusão desta monografia. A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas como mostra o quadro a seguir:

Meses/2015	Mai/Jun	Jul/Ago	Set/Out	Nov./Dez
Pesq. Bibliográfica, documental sobre o município	■	■		
Pesq. Bibliográfica, documental sobre a comunidade		■		
Visitas Técnicas, entrevistas, conversas.		■	■	
Sistematização dos dados e elaboração do texto	■	■	■	■

QUADRO 2: ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA. FONTE: A AUTORA.

Na segunda etapa nos meses de Julho e Agosto, foram selecionadas as pesquisas mais recentes com temas relacionado a atividade turística na comunidade, uma delas se dá pela autora Batistel (2011), cuja obra, serviu de apoio para o desenvolvimento desta pesquisa contendo o georeferenciamento da região do Guaraguaçu e a percepção dos moradores com relação ao turismo.

A terceira etapa deste trabalho foi em campo e ocorreu no período entre Agosto e Setembro. Esta teve como principal fonte de dados as conversas, observação, entrevistas, participação em eventos dentro e fora da comunidade do Guaraguaçu. Neste período, realizou-se as saídas de campo com o apoio de projetos de extensão da UFPR Litoral para localidades próximas, para acesso a modelos que estão em desenvolvimento, de organização da atividade turística dentro de comunidades locais, como no caso das colônias na área rural de Paranaguá e a comunidade do Parati em Guaratuba, nesta etapa também houve a oportunidade de conhecer o turismo de base comunitária da Vila das Peças, em Guaraqueçaba.

Ainda em campo foi realizada uma avaliação sobre o evento “Caminhadas na Natureza”, que acontece na comunidade do Guaraguaçu e que atrai um número significativo de participantes. Para tanto, foi levada em consideração a percepção dos moradores envolvidos, observação dos métodos aplicados pelos organizadores durante a realização do evento, discussão de dados e critérios da organização

nacional da modalidade de caminhadas Anda Brasil. Para esta etapa de análise e compreensão do evento foram convidadas duas profissionais para estarem participando: Elizabete S. Pereira, fotógrafa e Guia de Turismo Regional pelo IFPR-Campus Paranaguá e Sueli de L. S. Colli, gestora pela UFPR Setor Litoral e Guia de Turismo nacional, na qual desenvolveu a pesquisa sobre o Estudo da Viabilidade de Visitação Turística do Sambaqui do Guaraguaçu (2012).

### 3. COMUNIDADES LOCAIS E O TURISMO

Do ponto de vista sociológico, a maior importância está em compreender como ocorre esta relação, entre população e turistas. A importância da comunidade participativa para o desenvolvimento do turismo é essencial, além da participação do poder público e iniciativa privada. Segundo IGNARRA (2013) no turismo existem vários enfoques, diversos métodos de estudo para alcançar o objetivo, um modelo citado pelo autor e o mais próximo deste trabalho é denominado como “enfoque sistêmico”, “trata-se da pesquisa que trabalha com grupos de elementos inter-relacionados para formar um todo unificado e organizado, a fim de atingir um conjunto de objetivos” (IGNARRA 2013; p.13).

A atividade turística é classificada por inúmeros autores como um segmento que cresceu por meio de interesses dos detentores de grande capital nacional e internacional, sem muitas vezes levar em conta os demais atores envolvidos (BARRETO *apud* MENDONÇA, 2009). Vignati (2008) destaca o efeito multiplicador do turismo na economia de um local receptor, mas para que haja sucesso, o turismo deve contar com um envolvimento real entre todos os atores locais: a sociedade civil, o setor empresarial, o terceiro setor e o setor público. Esta articulação nem sempre, acontece gerando o que Krippendorf *apud* Mendonça e Irving (2004; p. 02) designa como o “nativo mudo ou aquele que é pouco ouvido, negligenciado, excluído da tomada de decisões dos projetos turísticos” envolvimento que é um grandes desafio para alguns e realidade para poucos.

Para EMBRATUR (2001) deve-se considerar que estratégias de planejamento turístico que neguem direitos e oportunidades às comunidades receptoras são destrutivas e ilegais, além de provocar grandes diferenças socioeconômicas e culturais no local receptor, acaba deixando grande parte da comunidade local longe dos benefícios gerados pela atividade. Este é uma diretriz que se deve tomar na realização também de eventos, pois gera novos e diferentes fluxos de visitantes em diferentes épocas. As comunidades receptoras devem ser, acima de tudo, respeitadas para que práticas turísticas adequadas e não predatórias (ao meio-ambiente, ao território e às pessoas) venham a ser ali implantadas, respeitando o

modo de vida local. Liu e Wall (2006) apontam que os efeitos das práticas turísticas variam de lugar para lugar, pois a experiência das comunidades receptoras com o turismo é muito variada, normalmente o turismo é uma atividade que amplia as possibilidades de emprego e renda nessas comunidades. Para Oliveira (2005), esta atividade pode ser compreendida da seguinte forma:

“Dá-se o nome de turismo à atividade humana que é capaz de produzir resultados de caráter econômico financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os locais visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea sem fins lucrativos”. (OLIVEIRA, 2005, p. 36).

Simeão (2007) complementa que há um novo tipo de viagem com turistas que abandonam as “localidades da moda” para vivenciarem experiências mais genuínas e únicas. Emerge uma nova modalidade de turismo, por vezes designado como “alternativo”, onde o foco de atenção e valoração se concentra em características significativamente opostas ao turismo padronizado de massa. Brito (2003) mostra que as práticas alternativas de turismo priorizam, como destino, localidades que respeitam a natureza, que valorizam energias alternativas, que produzem localmente e tenham contato direto com o turista, simbolizando o exótico, o diferente e a autenticidade perdida pelo viajante e que se procura recuperar. Sobre esse novo perfil do viajante, Avighi (2000) observa uma saída de cena do turista consumista e a entrada daquele que busca a auto realização, a conservação do meio ambiente e a compreensão da cultura e da história do local visitado.

Na modernidade globalizada, a vida em comunidade e seus vínculos relacionais perdem força, onde o individual ganha espaço e a competitividade leva a não contribuir para o crescimento de todos. As comunidades desejam por uma melhor distribuição de renda, realidade onde há poucos postos de trabalho, políticas públicas de desenvolvimento associadas ao turismo. Essas localidades tornam-se núcleos receptores de turistas, surgindo, assim, os destinos preferenciais do turismo de base comunitária (GAYER; PUGEN; 2012). A atratividade é a peculiaridade do local, a simplicidade e o modo de vida passa a ser o principal atrativo do destino, minimizando os problemas de sazonalidade enfrentados por outros tipos de turismo. Isto ocorre porque a atratividade está relacionada a uma característica da comunidade, não estando tão sujeita, por exemplo, às questões como clima e calendário de eventos (ZECHNER, ALVES e SAMPAIO, 2008). Portanto, ainda que

haja várias compreensões sobre o turismo, o envolvimento da comunidade, seja para considerar a geração de renda, a gestão, os impactos e a forma de interação com os turistas, é importante para entendermos sobre o turismo.

### 3.1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O turismo comunitário ou turismo de base comunitária (TBC) apresenta uma perspectiva de incorporação de atitudes mais responsáveis no turismo em relação ao turismo de massa, valorizando as práticas voltadas para a economia solidária, a autogestão da cadeia produtiva, o associativismo/ cooperativismo e a valorização das culturas locais, enfatizando o protagonismo das comunidades locais (MTUR, 2008). Compreende-se turismo de base comunitária a partir da definição proposta pela *World Wildlife Foundation* – WWF: aquele onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão, além dos benefícios gerados pela atividade. Assim, o TBC pode ser entendido como uma rede social que integra um conjunto de práticas originadas e administradas pela comunidade receptora, considerando a participação coletiva sendo a tomada de decisão orientada para o benefício de todos, muitas vezes se tornando a única alternativa econômica diante das regras ambientais. Sendo aplicada corretamente, dado que a comunidade receptora não perderia o controle sobre a atividade turística, o turismo de base comunitária é encarado como uma alternativa positiva e potencialmente sustentável de desenvolvimento econômico de pequenas comunidades de pescadores, agricultores familiares e extrativistas, (SANSOLO; BURSZTYN, 2009).

A WWF Brasil (2003) estabeleceu alguns princípios norteadores para o desenvolvimento eficiente do modelo de turismo de base comunitária:

- a) O turismo deve ser da comunidade, esta deve ser dona dos empreendimentos turísticos além de gerenciar coletivamente a atividade;
- b) O turismo é para a comunidade, portanto ela é a principal beneficiária da atividade turística, que deve existir para o desenvolvimento e fortalecimento das associações comunitárias;

- c) A atividade deve despertar a consciência ambiental e valorização cultural. Todos os roteiros devem respeitar as normas de conservação da região e procurar gerar o menor impacto possível no meio ambiental e cultural da comunidade;
- d) Deve existir um princípio de transparência justa no uso dos recursos financeiros.

O TBC apresenta-se como o segmento turístico favorável à prática e ao desenvolvimento de empreendimentos solidários, mediante a relevância dada ao capital social que potencializa a gestão participativa de projetos sustentáveis agregando às atividades produtivas o valor do cotidiano tradicional das comunidades com os seus fazeres e saberes, complementando as práticas tradicionais locais, considerando a participação como um dos principais meios de tomadas de decisões coletivas e possibilitando benefícios de forma conjunta (PUTNAM, 2007; CORIOLANO, 2009), uma atividade que conta com menor participação da iniciativa privada. É preciso debate franco sobre o TBC, Netcom partindo da ideia de Maldonado (2009) aponta algumas deficiências da oferta do turismo de base comunitária:

- a) A oferta nesse segmento do turismo ainda é dispersa e muito fragmentada, além de carência de mecanismos de regulação internos e externos para a organização e potencialização da atividade;
- b) A pouca criatividade e escassez de diversificação dos produtos turísticos apesar do potencial e vontade de empreender;
- c) Os negócios possuem uma gestão profissional limitada além restrições das comunidades ao acesso da informação e de capacitação;
- d) Os serviços não possuem uma padronização na qualidade, sendo que esta varia de média à baixa;
- e) A promoção e comercialização é realizada de forma rudimentar e individualizada;
- f) Há deficiência na organização comercial do turismo e fraca capacidade de negociação com os outros agentes da cadeia turística;

- g) Há participação pouco significativa das mulheres e de suas associações na concepção e na condução dos projetos; e
- h) Há precariedade dos serviços públicos básicos de apoio ao turismo (rua, rodovias, água, saneamento, comunicação) revelando o esquecimento do poder público local e nacional.

Apesar das tendências de geração de conflitos e de defesa de interesses individuais, como foi percebido em campo, qualquer produto e também destino turístico passa pelas fases de: nascimento-descoberta, crescimento-lançamento, amadurecimento e não se tomando uma atitude criativa chega –estagnação - declínio, nem todas as comunidades ou todos os membros de uma comunidade vão querer se envolver nas atividades de turismo, e os planejadores devem respeitar essa atitude, para aqueles que buscam se envolver podem escolher entre as várias formas de participação e futuramente outros grupos ao se sentirem seguros e dispostos com o compromisso da atividade do TBC também podem mostrar interesse e procurar participar aumentando o número de ofertas dentro da comunidade. Pode-se observar que o turismo comunitário estimula dada à gestão participativa e uso do poder local para desenvolvimento do turismo, no sentido da valorização do papel de cada um, é uma transformação lenta e intensa, tendo como eixo central a participação política dos sujeitos envolvidos no processo.

A intenção do TBC não é de classificá-lo como mais um tipo de turismo, mas sim de considerá-lo como um modo de turismo que possa desenvolver suas atividades segundo os parâmetros – econômicos, ecológicos e culturais – locais, respeitando as particularidades sociais do lugar, trata-se de um modelo de gestão da atividade turística cujas decisões estratégicas e práticas cotidianas são decididas em conjunto pela comunidade receptora. As dimensões aqui consideradas – econômica, social, cultural e ambiental – são interligadas entre si, segundo Pinto e Castro (2013) para cada conceito de turismo comunitário são observados aspectos relevantes relacionados à sustentabilidade:

Dimensão Econômica do TBC;	O desenvolvimento sustentável da atividade do TBC está na capacidade de apoiar empreendimentos turísticos da comunidade implicando no incentivo a economia solidária onde os indivíduos tenham oportunidade de autogerir seus negócios e ao mesmo tempo compartilhar experiências em uma rede cooperada;
Dimensão Social do TBC;	As práticas sociais devem contribuir para a qualidade de vida das populações locais na medida em que objetivam causar alterações sociais benéficas ao conjunto da população e desenvolvem meios potencializadores da capacidade de criar alternativas favoráveis para os indivíduos. A consciência crítica e a capacidade de reconhecer o bem estar ou não do lugar onde habita e trabalha considerando uma análise da situação de moradia, educação, assistência à saúde, entre outros, assim como, bem estar físico, mental e espiritual;
Dimensão Cultural do TBC;	Motivar e incentivar a participação da comunidade na gestão da atividade turística tem suas relações com os sentimentos de pertencimento em relação ao lugar considerando a incorporação de elementos identitários na dinâmica e exercício da atividade em que os indivíduos agregam valor ao cotidiano tradicional, aos fazeres e saberes culturais;
Dimensão Ambiental do TBC;	A opção por energias renováveis e uso sustentável dos recursos naturais são pontos de relevância no desenvolvimento sustentável do turismo, podendo ser viabilizados através de atitudes ambientalmente mais responsáveis, através da própria comunidade, dos empreendimentos turísticos e do setor público. Os indivíduos devem ser capacitados para o desenvolvimento de técnicas e métodos que viabilizem práticas simples, objetivas e concretas a serem incutidas nos modos de vida da localidade e nas atividades produtivas;

QUADRO 3: QUADRO CONCEITUAL DAS DIMENSÕES DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.

FONTE: PINTO E CASTRO P. 221; 2013. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

O quadro modelo que expõe as dimensões econômica, social, cultural e ambiental do TBC serve, aqui, como eixo norteador para a discussão sobre as diretrizes de sustentabilidade no turismo comunitário que possam ser aplicadas na



comunidade do Guaraguaçu em Pontal do Paraná, caso seja este o segmento escolhido. Percebe-se certa impaciência da comunidade para a atividade que parece não avançar, é importante fazer o exercício de recapitular e reordenar as principais linhas de pensamento, analisar a vocação turística do núcleo receptor, é necessário buscar apoio instrucional para o início de sua realização é um trabalho contínuo a médio longo prazo.

O desenvolvimento sustentável do turismo não se refere a mais um rótulo de segmentação do mercado, muitas vezes utilizado para promover um destino e obter ganhos financeiros imediatos, deve, sim, ser entendido como uma prática a ser incluído no dinâmico e complexo sistema turístico, considerando-se as características de cada localidade, desde o planejamento à prática cotidiana (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2010). O equilíbrio pretendido entre a atividade humana e o desenvolvimento e a proteção do ambiente exige uma repartição de responsabilidades assim, a palavra sustentabilidade pretende refletir uma política e estratégia de desenvolvimento econômico e social contínuo, sem prejuízo do ambiente e dos recursos naturais, de cuja qualidade depende da conscientização da sociedade.

Em abril de 1995, por iniciativa da ONU, realiza-se a Primeira Conferência sobre Turismo Sustentável, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Foi co-patrocinada pelo Programa Ambiental dessa mesma organização, e pelo Programa sobre o Homem e a Biosfera da Unesco e pela OMT, neste ano é reelaborado o conceito de desenvolvimento sustentável, também chamado de eco desenvolvimento, como um estilo de desenvolvimento aplicável a projetos não só rurais mas também urbanos, (BENI, 2003, p.8). Até então, todas essas organizações trabalhavam com metodologia e parâmetros de qualidade, preservação e sustentabilidade ambiental, sem se aprofundarem em estudos e pesquisas econômicos e político-sociais, com esta atitude chegamos aos atuais conflitos jurídicos – institucionais que atinge as comunidades com menor inserção ao mercado de trabalho, essas organizações resistem à inclusão do turismo na ocupação dos espaços naturais e de áreas protegidas, alegando o turismo como uma atividade predatória.

Portanto, ao se utilizar o conceito de turismo sustentável, precisamos entender sobre a abrangência do que até então se vinha entendendo por sustentabilidade ambiental ou ecosustentabilidade, econômica e social, não podemos, confundir Sustentabilidade Ecológica do Turismo com Turismo Sustentável - a sustentabilidade ecológica ("licenciamento ambiental", "qualidade ambiental", "gestão ambiental",

"desenvolvimento ambiental sustentável" ) é apenas um dos cenários da sustentabilidade do turismo, o turismo é uma atividade que em si engloba muitos e maiores setores para se limitar apenas no ambiental (BENI, 2003, p. 12). Um modelo para ser citado é o Programa de Certificação em Turismo Sustentável, iniciativa brasileira que está sendo implementado em parceria com as empresas do setor de turismo, governo federal, instituições organizadas da sociedade civil, municípios e comunidades sob a liderança do Instituto de Hospitalidade por intermédio do referido Programa ([www.pcts.org.br](http://www.pcts.org.br)) e em conjunto com o Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável CBTS ([www.cbts.org.br](http://www.cbts.org.br)). Nesta nova perspectiva de "sustentabilidade" as pessoas tem mostrado preferência em adquirir produtos que possuem selos de qualidade e certificação ambiental ([www.cbts.org.br](http://www.cbts.org.br). 2015) e esta forma de escolha vem se revelando como um importante instrumento de política ambiental, auxiliando o consumidor na escolha de produtos e serviços menos prejudiciais ao meio ambiente, por outro lado é instrumento de marketing para as empresas diferenciarem seus produtos no mercado, hoje tão competitivo. Segundo Beni existe um consenso mundial de que o setor de turismo tem de firmar-se em quatro pilares:

"[...] o ambiental, principal fonte de matéria-prima dos atrativos; O social, e aí entende-se, em sua abrangência, a comunidade receptora, o patrimônio histórico-cultural e a interação com os visitantes, ao mesmo tempo em que eleva o padrão de vida e a auto estima dessa comunidade; O econômico, com todos os inter-relacionamentos e interdependências da cadeia produtiva, permitindo sua articulação com a identificação correta de suas unidades de produção e de negócios para estabelecer uma rede de empresas a fim de atuar, de forma integrada, proativa e interativa, obtendo níveis de comparabilidade e produtividade para o alcance de competitividade; O político, que se instrumentaliza mediante estratégias de gestão que possibilitem coordenar as iniciativas locais na criação de um entorno emulativo de produção, favorecendo o desenvolvimento sustentável" (BENI, 2003; p. 14)

O turismo é um dos setores da economia que direta e indiretamente chega a dezenas de setores, a contribuição direta do setor no PIB - Produto Interno Bruto em 2012 foi de dois trilhões de dólares, representando 2,9% do PIB mundial, segundo o World Travel & Tourism Council (WTTC; 2013). Sobre o mercado interno e os fluxos de turismo doméstico, com o aumento da classe média no Brasil e seu perfil de consumo as viagens domésticas aumentaram, utilizando diversos serviços como hotéis, pousadas, resort, campings, casas de parentes e amigos, transportes, restaurantes e por diferentes motivações (lazer, negócios, visitas a parentes, eventos etc.). Os números apresentam uma expansão de 12,5% de 2005 a 2007, neste período foram cerca de 156 milhões de

viagens domésticas realizadas. Considerando a taxa de permanência média de 8,5 dias, foram gerados 1,33 bilhões de pernoites no ano de 2007, em todo o país. Ainda de acordo com a referida pesquisa, o gasto médio por dia realizado pelos turistas foi de R\$58,60 em 2007, o que permite estimar R\$ 9,14 bilhões mobilizados pelo mercado do Turismo doméstico no Brasil (MTUR; 2011-2014 p. 35).

Uma movimentação significativa nos dias atuais é o turismo doméstico, a predominância dos deslocamentos realizados no interior dos próprios Estados em quase todas as Unidades da Federação possui dados positivos, este percentual de fluxos entre-estaduais varia de 29,8% em Tocantins a 87,4% no Rio Grande do Sul. No que se refere aos fluxos entre-estaduais, São Paulo é o estado que mais recebe turistas (27,2% do total de todo o País) e também é o maior emissor de turistas domésticos para outros estados (30,4% do total de todo o País), (MTUR, 2014), nesta perspectiva do mercado, o turismo pode ser entendido como um produto. O Produto pode ser definido como tudo que pode ser oferecido a um mercado para satisfazer uma necessidade ou desejo dos consumidores (KOTLER; KELLER, 2006), já o serviço é entendido como atividade econômica que cria valor e fornece benefícios para clientes, em tempos e lugares específicos, como decorrência da realização de uma mudança desejada pelo destinatário do serviço (LOVELOCK; WRIGHT, 2001). O ministério do turismo entende que produto turístico é o “conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, localizados em um ou mais municípios, ofertado de forma organizada por um determinado preço” (MTUR, 2007; p.17).

### 3.2 TURISMO SAZONAL, CARACTERÍSTICAS

A atividade turística, sob os cuidados da administração e de seus gestores pode impactar positivamente ou negativamente na região, principalmente em regiões que têm no turismo a principal fonte de geração de renda, como no caso de Pontal do Paraná. Para Oliveira (2005) a atividade turística é um meio de redistribuir renda, gerar novos empregos além de poder alcançar outros setores econômicos, aumentar a arrecadação fiscal municipal, promover o desenvolvimento regional e motivar novos investimentos com benefícios sociais em áreas antes esquecidas pelos seus

gestores públicos. Segundo Brambatti (2011) marcou-se a rotina de que o litoral paranaense depende economicamente da alta temporada, têm-se formada a ideia de trabalhar e ganhar o máximo no verão e fazer atividades secundárias no restante do ano. Butler (1994) define o turismo sazonal como:

“Um desequilíbrio temporal no fenômeno turístico, que pode ser expresso em termos de dimensões tais como: número de visitantes, despesas de visitantes, tráfego nas autoestradas e outras formas de transporte, emprego e ingressos em atrações.” (BUTLER, 1994, p. 332)

Portanto, pode-se considerar que a sazonalidade turística tal qual em Pontal do Paraná é a concentração de maiores fluxos turísticos em períodos curtos do ano, promovendo picos. Na região litorânea paranaense isso ocorre nos meses entre Dezembro a Março caracterizando a alta temporada de verão.

“Tal estrutura “ideológica” e “paradigmática” só pode ser rompida com inovação e criatividade coletiva. É ideológica porque faz parte das concepções mentais, tanto dos gestores públicos quanto operadores privados do turismo, de que o território definido como “litoral” tem como “vocalização turística” a sazonalidade e a temporada de “sol e mar”. Paradigmática porque segue e serve de modelo para todas as ações decorrentes do planejamento estratégico do território (BRAMBATTI; 2011.p. 23)”.

Durante esse período os serviços ofertados aos visitantes chegam quase à saturação, necessitando assim do maior número de mão de obra, nem sempre qualificada, criando inúmeros empregos temporários, os quais sua durabilidade é apenas nos meses de alta temporada para atender a demanda durando cerca de quatro meses, quando diminui a demanda em função da sazonalidade turística, causa a informalidade empregatícia e o desemprego.

Na alta temporada também ocorre maior visitação aos atrativos turísticos que podem ser locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-lo. Com o conjunto de atrativos, serviços, equipamentos e infraestrutura tem-se a oferta turística, ou seja, tudo o que é oferecido para os visitantes. Entende-se que a oferta turística é tudo aquilo que faz parte do consumo do turista, podendo ser bens, serviços públicos e privados, recursos naturais e culturais, eventos, atividades recreativas, dentre outros (DIAS, 2005). É possível identificar quatro categorias que a compõem e que juntas oferecem o diferencial da localidade ou região segundo Goeldner (2002), recursos e ambientes naturais: Clima, flora, fauna, relevo, praias e

outros atrativos, existentes na região; e o ambiente construído, como a infraestrutura (fornecimento de água, luz elétrica, estradas, redes de comunicação e outros) e a superestrutura, construções voltadas para dar suporte aos turistas (aeroportos, meios de hospedagem restaurantes, museus, produção associada ao turismo e outros); transporte para o visitante da origem até o destino e dentro do próprio destino, incluindo aviões e voos, taxis, trens, navios e outros meios que possibilitem a visita; e hospitalidade e recursos culturais, tais como línguas, religião, costumes e comportamentos de trabalho e lazer, a cortesia, amizade e vontade de receber bem dos moradores daquela localidade.

A comunidade do Guaraguaçu, local de estudo desta pesquisa, encontra-se na área rural de Pontal do Paraná – PR, município balneário do Litoral do Paraná, com população estimada de 23.816 habitantes (IBGE, 2014). Pontal do Paraná município balneário recente, desmembrado de Paranaguá em 1997, não possui um marco referencial turístico além do turismo de sol e praia, para se diferenciar na diversificada e atrativa região litorânea paranaense. Parte da sua economia local depende das atividades turísticas e a pouca mobilização em atratividade no período de baixa temporada por problemas ocasionais no financeiro ou na administração da gestão pública impacta negativamente o município principalmente no setor econômico, que na sua maioria como forma de preencher o período de baixa, espera faturar na alta temporada de verão. Ao considerar o turismo de alta temporada uma das suas maiores fontes de renda, todas as atividades sofrem com a diminuição dos fluxos, muitas vezes a alta temporada tem um período mais curto tendo seu término após o carnaval, sendo insuficiente para manter a estabilidade econômica.

O Turismo vem firmando-se nas ciências humanas, porém seus efeitos econômicos são os que habitualmente mais se destacam na mídia. Para o estudo do turismo se aplicam vários métodos de análise de outras ciências mais tradicionais, essa conexão, além de possibilitar interdisciplinaridades possibilitou ao longo do processo que o turismo atingisse mais amplitude e modernidade, podendo ser hoje definido como ciência da expressão do homem no mundo global competitivo, e que quer seguir rumo a uma nova visão de valores universalistas (BOULLÓN; 1990).

### 3.3 ATRATIVOS

Os atrativos turísticos são componentes que completam a oferta turística, para que seja possível é necessário um conjunto de obras que darão suporte dentro de um cenário agregando valor ao atrativo. Os atrativos em alguns aspectos muitas vezes são insuficiente para chamar a atenção do turista, para isto além do atrativo é necessário uma infraestrutura de apoio. Nos dias atuais, existem opções e formas para que o turista antes mesmo de embarcar avalie o seu destino turístico e planeje seu itinerário. Além de sites avaliadores que proporcionam aos viajantes inserir elogios, sugestões e reclamações relacionados aos atrativos e aos equipamentos e serviços de apoio ao mesmo, essas são ferramentas que podem ser a favor ou contra o destino, para isso todos os setores de equipamentos e serviços ao turismo devem trabalhar em conjunto.

Segundo a Embratur os atrativos “são lugares, objetos ou acontecimentos de interesse turístico que motivam o deslocamento de grupos humanos” (EMBRATUR, 1894). E para os atrativos turísticos são necessários os serviços e equipamentos turísticos que fazem parte “do conjunto de edificações, instalações e serviços indispensáveis para o desenvolvimento da atividade turística” (EMBRATUR, 1894). A infraestrutura de apoio são os “conjuntos de obras e instalações da estrutura física da base, que cria condições para o desenvolvimento de uma unidade turística” (EMBRATUR, 1894).

Pode-se dizer que o atrativo turístico é todo elemento material ou imaterial com capacidade própria ou em combinação com outros que podem atrair visitantes a uma determinada localidade, dependendo do seu potencial de atratividade ele pode ser desenvolvido individualmente ou em conjunto com outros atrativos de acordo com infraestrutura da cidade que ele pertence, ao receber o evento é preciso identificar se a cidade tem capacidade para atendê-lo. Segundo MALERBA (2013) não pode satisfazer a demanda há não ser que haja uma combinação entre os diversos fatores da oferta derivada (equipamentos turísticos) e da oferta original (equipamentos de apoio ao turismo). Basicamente os atrativos são divididos em naturais e culturais dentro destes dois temas existe uma extensa lista (MALERBA 2013; p. 12):

Para os atrativos existem duas categorias para diferenciar atrativos da nossa cidade ou em regiões próximas, os atrativos permanentes e os temporários. A

primeira categoria se caracteriza por estar o tempo todo disponível instalado no mesmo lugar, a segundo já ocorre em um período fixo de tempo podendo ser de caráter cultural ou natural (MALERBA, 2013). Podemos citar como exemplo para o segundo caso os eventos. Os atrativos podem ser isolados, urbanos ou rurais, ter baixa ou alta capacidade de visitação, ser sazonal ou perene, podem ser públicos administrados por órgãos governamental, podem ser privados administrados por empresas privadas, podem ser voluntários sendo administrados por organização de terceiro setor, podendo em todos os aspectos ser pagos ou gratuitos (MALERBA, 2013). São os elementos que de certa forma já recebem seus visitantes, para os atrativos potenciais a OMT adota também o termo de recursos potenciais, que são aqueles elementos que poderiam atrair visitantes mas ainda não recebem fluxos ou bem poucos fluxos, seja por pouca ou falta de divulgação ou infraestrutura mínima, “os recursos em sua forma original não são mais que a matéria prima dos futuros atrativos turísticos” (OMT, 2001; p. 121).

Para concluir este sub capítulo, considero que os “atrativos consolidados” são aqueles que a comunidade já tem o entendimento de que naquele espaço exerce atratividade para os visitante, onde muitas vezes neste contato acontece a troca de experiências entre moradores e visitantes, pontos de atratividade que já atraem um fluxo turístico, e que não necessariamente possuem relação de troca. A exemplo desta categoria, considero as farinheiras, na qual o turista ao estar na comunidade receptora pode estar participando do ato da produção da farinha, como também ele pode procurar apenas adquirir o produto farinha, direto com o proprietário.

Os “atrativos potenciais; ou não consolidados são aqueles que de certa forma passam despercebidos pela comunidade e que tem potencial para ser desenvolvidos e preparados para a atividade turística, são poucos usados da sua capacidade em oferecer, como exemplo nós temos o turismo de base comunitária, onde atos culturais e saberes do dia-dia para famílias hoje são atrativos turísticos e uma forma de complementar a renda. Os atrativos podem ser locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-lo. Os atrativos podem ser classificados em categorias, conforme estruturado no quadro a seguir:

<b>Categorias</b>	<b>Definições</b>	<b>Exemplos</b>
Atrativos naturais	Elementos da natureza que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxos turísticos.	Montanhas, rios, ilhas, praias, dunas, cavernas, cachoeiras, clima, fauna, flora etc.
Atrativos culturais	Elementos da cultura que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxo turístico. São os bens e valores culturais de natureza material e imaterial produzidos pelo homem e apropriados pelo turismo, da pré-história à época atual, como testemunhos de uma cultura.	Artesanato, gastronomia, museus, festas e celebrações, manifestações artísticas etc.
Atividades econômicas	Atividades produtivas capazes de motivar a visita turística e propiciar a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Fabricação de cristais, agropecuária, extrativismo etc.
Realizações técnicas, científicas e artísticas	Obras, instalações, organizações, atividades de pesquisa de qualquer época que, por suas características, são capazes de motivar o interesse do turista e, com isso, propiciar a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Museus naturais, observatórios, aquários etc.
Eventos programados	Eventos que concentram pessoas para tratar ou debater assuntos de interesse comum e negociar ou expor produtos e serviços; podem ser de natureza comercial, profissional, técnica, científica, cultural, política, religiosa, turística, entre outras, com datas e locais previamente estabelecidos. Esses eventos propiciam a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Feiras, congressos, seminários etc.

QUADRO 4: CATEGORIAS, DEFINIÇÕES E EXEMPLOS DE ATRATIVOS TURÍSTICOS.

FONTE: MTUR, ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA, MÓDULO OPERACIONAL-7 2007; p. 28. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.



Os atrativos que demonstram maior potencial e melhor estrutura para recepção de turistas devem ter prioridade na estruturação de roteiros, com relação à segmentação pela oferta, podemos dizer que ela define tipos de turismo, a definição desses tipos de turismo é realizada a partir da existência, em um território, de certas características comuns, tais como atividades, práticas e tradições comuns (esportivas, agropecuárias, de pesca, manifestações culturais, manifestações de fé), aspectos e características comuns (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais); determinados serviços e infraestrutura comuns (serviços públicos, equipamentos hoteleiros e de lazer).

Como em qualquer outra atividade inicial é necessário suprir algumas faltas antes de pôr o plano em ação, obstáculos como pouca infraestrutura no meio rural, baixa qualificação profissional, pouco preparo de agências e operadoras para lidar com o segmento, desatualização de legislações e regulamentação específicas para o mesmo (MTUR, 2010). Segundo o Ministério do Turismo (MTUR, 2010), o espaço rural abriga diversos empreendimentos e experiências que não podem ser caracterizadas apenas por turismo rural, as muitas praticas turísticas que acontece no ambiente rural muitas vezes estão ligadas a outros segmentos como atividades de lazer, esportiva, eventos, alguns autores preferem nomear este aspecto como “turismo no espaço rural”, sendo diferente de turismo rural, mas neste momento não é a função deste documento se aprofundar no estudo ou na solução destas entraves, mas faz parte ser um canal de informações para que os interessados e envolvidos tenham conhecimento de sua amplitude. Segundo o MTUR:

“Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não” (BRASIL, Ministério do Turismo, turismo rural, 2010; p. 27).

Os segmentos turísticos associados ao uso do espaço rural são: Turismo Rural, Turismo de Base Comunitária e Ecoturismo, neste trabalho será abordado o Turismo de Base Comunitária, segmento identificado potencial para ser aplicado na comunidade do Guaraguaçu em Pontal do Paraná.

### 3.4 O ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES EM EVENTOS

Eventos dentro da comunidade e relacionados a ela é uma das formas de contribuir e divulgar seus bens e atrativos. Quanto maior a abrangência do evento maior será a interferência. Oliveira (2000) afirma que 40% do movimento turístico internacional acontece em função da realização de eventos, esses, podem ser usados como alternativa de curto prazo para o turismo, visto seu potencial econômico e social. O Ministério do Turismo informa que as áreas que possuem forte períodos de sazonalidade turística, como é o caso de Pontal do Paraná, precisam desenvolver o turismo ao longo do ano com um calendário de eventos que contemple todas as atrações e os recursos turísticos da cidade receptora, respeitando sua fragilidade, mas aumentando a utilização dos equipamentos e, conseqüentemente, sua produtividade, isto de acordo com a sua necessidade. Segundo Brito e Fontes (2002, p. 200). “Um calendário de eventos diferenciados da vocação original da localidade propicia a inserção de outros atrativos que se traduzem, ao longo do tempo, em vocações tão fortes quanto a primeira”.

Tomazzoni (2002) entende que, ao realizar um evento num local de pertencimento da comunidade, as características culturais precisam ser levadas até os organizadores do evento pela própria comunidade ou representantes, para serem estimuladas e perpetuadas, pois a cultura da comunidade em si, já é um atrativo turístico. É importante no entanto, que “em caso de incompatibilidade ou dúvidas, deve sempre colocar os interesses da comunidade acima dos interesses do turista” (KRIPPENDORF, 2000, p. 150), a realização de eventos deve primar pela satisfação da população local depois agradar aos visitantes. Para que as necessidades e os interesses da comunidade receptora sejam respeitados e incentivados durante os processos de formulação de atividades ou eventos, este deve ser planejado e executado com base nas expectativas da comunidade, nas três esferas (econômica, social e cultural). Magalhães (2002) trabalha com a questão da comunidade em relação ao Turismo, e pode-se adaptar esta afirmação à realização de eventos dentro da comunidade receptora:

À medida que a comunidade vai se sentindo envolvida, torna-se mais motivada em relação a sua participação e inserção no processo. Além disso, pode ocorrer o desenvolvimento do senso de responsabilidade necessário ao cumprimento da tarefa de ser guardião dos patrimônios natural, histórico e cultural, encontrados no município (MAGALHÃES, 2002, p. 90 - 91).

A criação de comissões ou associações formadas por representantes da comunidade pode ser uma opção para envolvê-la no processo de atividades turísticas e eventos, para que acompanhem todas as reuniões, colaborando com ideias, contatos, serviços e no repasse das informações e das conclusões para os demais membros da comunidade, desta maneira, contribui para aumentar o envolvimento comunitário, podendo participar de diferentes maneiras e com variadas intensidades. Uma das formas de participação de um evento é como membro da comissão organizadora, este modo de participação não cabe a todos os integrantes da comunidade, pois um grupo deve representá-la, neste caso, tendo um membro da comunidade na comissão de organização as pessoas terão a quem recorrer, em caso de alguma sugestão, dúvida ou reclamação a fazer sobre o evento. Também é fundamental ter a garantia de que seus interesses serão priorizados, pois se sabe que a comunidade deve ser a prioridade de um município na organização de um evento (KRIPPENDORF 2000). Outra forma de participação da comunidade é como visitante ao evento, isso já cria algum contato significativo e mostra que há um aspecto positivo da comunidade com relação ao evento, processo que as vezes se torna invasor ao realizar uma atividade em que os “donos do território” não se sintam incluídos, confortáveis ou convidados pela mesma. Os membros da comunidade local podem, além de ser gestores do seu próprio evento, eles podem participar destas atividades como expositores, através da exposição e comercialização de produtos e serviços, outro modo é a prestação de serviços, que pode ser outra maneira de participação, podendo envolver indiretamente a comunidade. Tem-se como prestador de serviço o indivíduo que realiza algum trabalho na festa, podem, por exemplo, ser do setor de manutenção, de divulgação, de construção de infraestrutura (GAYER; PUGEN; 2012). Em qualquer atividade direcionada à uma comunidade, deve ser procurado e consultado alguns representantes, pois é através destes grupos que os gestores poderão conhecer melhor e construir de um elo com toda a comunidade local.

### 3.5 O PLANEJAMENTO DO ESPAÇO TURISTICO

Além da perspectiva econômica, social deve-se destacar que o turismo pode ser entendido pelo olhar da geografia, em que o espaço assume importância (GIOTARD, 1990). Segundo Steinberger & Campos (2007), o espaço é o resultado da ação humana ao se apropriar do território, e o turismo, como tal ação e se apropriando de uma porção de um dado território, produz um espaço turístico mesmo que inconscientemente, por meios de seus agentes. Para que o turismo se desenvolva é imprescindível o uso do espaço, pois o turista se desloca de sua localidade habitual para outra, o que acaba criando três tipos de territórios: emissores de turistas, territórios de deslocamento e territórios receptores (MENESES, 2011 p. 25), percebe-se que o turismo é provocador de mudanças e reorganização espacial que ocorre direta e indiretamente pelo deslocamento das pessoas, as áreas turísticas se estendem por vários quilômetros, mas, somente nos pontos onde existe concentração de atrativos é onde ocorre a produção e comercialização do turismo, ou seja, o turismo vai se apropriando de determinados espaços, transformando-os e a partir disso como diz Nicolàs:

[...] el turismo crea, transforma, e inclusive valoriza diferencialmente espacios que podian no tener valor en el contexto de la lógica de producción: de repente la tierra de pastizal se puede transformar en parque de acampar, o la casa e semi-derruida del abuelo fallecido en casa de hospedes. (NICOLAS, 1996, p. 49).

O crescimento e desenvolvimento das atividades turísticas é o que justifica o espaço geográfico, o aspecto espacial do turismo é fundamental para o desenvolvimento de suas atividades. Uma forma clara de ver isso é que a referência geográfica do local/cidade é sempre mais ou menos citada na divulgação do atrativo turístico, o seu aspecto espacial pode influenciar imediatamente na impressão do público alvo. Certamente o turismo moderno transmite pelos meios de comunicação imagens variadas de um mesmo lugar turístico dependendo do foco escolhido para atrair a tal e qual tipo de turista de (GIOTARD, 1990). Cada gestor tem a oportunidade de planejar e decidir seu desenvolvimento, de forma participativa e respeitando os princípios da sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e

político-institucional, apoiado pelo Ministério do Turismo na qual elaborou e disponibilizou em meio virtual, cadernos de orientações básicas relacionados a cada segmento turístico, etapas fáceis de serem desenvolvidos por gestores ou líderes comunitários que se interessarem pela modalidade. Em tese, o Programa de Regionalização do Turismo tem a finalidade de estruturação e qualificação das regiões para que elas possam assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento, possibilitando a consolidação de novos roteiros como produtos turísticos (BRASIL, MTUR; 2007).

Neste capítulo percebe-se que ações são necessárias para iniciar a atividade turística em qualquer lugar, cuidados devem ser tomados e redobrados tratando-se de lidar com as perspectivas de comunidades locais. As primeiras impressões da atividade turística são normalmente a porta de entrada para o interesse da comunidade em dar continuidade e ser participativa, caso a primeira impressão seja má apresentada ou mal interpretada formando dúvidas quanto ao caráter da atividade no local, a abordagem de apresentação da atividade tem peso de influência no decorrer da atividade.

#### 4. PONTAL DO PARANÁ, MUNICÍPIO BALNEÁRIO

Pontal do Paraná faz divisas com os municípios de Paranaguá, a oeste, e de Matinhos ao sul; a leste é margeado pelo oceano Atlântico e, ao norte, pela baía de Paranaguá. A distância rodoviária entre Curitiba, capital do Estado, e Praia de Leste, ponto da orla oceânica mais próximo da capital, é de aproximadamente 100km (DER, 2005). A seguir (FIGURA 1) é possível identificar onde se localiza a comunidade do Guaraguaçu, dentro do município de Pontal do Paraná;



FIGURA 1: PONTAL DO PARANÁ – COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU. FONTE: IBGE 2014. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

Sampaio (2006), em seu estudo pela apropriação do uso do espaço, Pontal do Paraná tem sua orla totalmente tomada pelo uso balneário, esse processo desencadeou no ano de 1926 com a abertura da estrada PR 407 “Estrada do Mar”,

simplificando a ligação da capital do estado Curitiba partindo da BR 277 em direção as praias, passando por Pontal do Paraná, mais exatamente pelo balneário de Praia de Leste, até então esta era a região balnearia de Paranaguá.

Do ano de 1926 até os dias atuais, a PR 407 “estrada das praias / mar” passa pela comunidade do Guaraguaçu, a ponte de ligação sobre o rio Guaraguaçu foi construída em 1928 (SAMPAIO; 2006), esta foi a primeira via do litoral paranaense favorecendo o uso balneário, estabelecendo a ligação direta de Paranaguá com a orla oceânica. Neste sentido, estrategicamente o balneário Praia de Leste era o ponto intermediário entre dois pontos importantes de orla, pois se localizava à 18 km do balneário de Pontal do Sul, ponta importante de saída de embarcações para Paranaguá e Ilha do Mel e à 22 km até Caiobá em Matinhos, sendo o caminho a estes dois pontos em 1926 eram feitos por carroças, pela praia (SAMPAIO; 2006; BIGARELLA 1999). Praia de Leste, apesar da facilidade do acesso e a sua localização estratégica ao fim da “Estrada do Mar” (PR - 407), apenas contou com a expansão do uso balneário a partir do início da segunda metade do século, pois, Matinhos e Caiobá, já haviam evoluído e foram os primeiros para o fins de lazer (BIGARELLA; 1999). Sampaio (2006) ressalta os possíveis motivos dos quais levaram a estagnação da Vila balneária de Praia de Leste, explicando a preferência por Matinhos, Caiobá e Guaratuba:

“Três únicos pontos da orla oceânica paranaense marcados pela proximidade de serras e morros e/ou pela presença de costões rochosos, que, além da forte qualidade paisagística que imprimem, engendram pequenas enseadas, com ondas menores, que se distinguem de todo o resto, formado por praias contínuas. Já a Vila Balneária Praia de Leste se encontra na absoluta planura, e em um ponto de uma praia contínua, com ondas maiores, sem qualquer outra referência que não o término da estrada” (SAMPAIO, 2006; p. 60).

O declínio deve-se levar em conta também pela captação de água doce, como citado anteriormente Pontal do Paraná está localizado em superfície plana, Praia de Leste era o ponto central da orla distante de qualquer elevação, sendo necessários esforços para adquirir água, enquanto que neste mesmo período, Matinhos era abastecidos pela Serra da Prata. Em 1948 foi aberta a PR 412, ligando Praia de Leste a Matinhos facilitando 20 km de percurso que antes era feito pela praia, destacando Matinhos/Caiobá ainda mais (SAMPAIO, 2006; p. 60). Em 1966, a PR 407 foi revestida por asfalto intensificando ainda mais o fluxo para os municípios balneários, conhecida popularmente até os dias atuais como “Estrada do Mar ou das

Praias” (BIGARELLA, 1999; p.96). Segundo Bigarella, a abertura da Estrada do Mar favoreceu a fundação e o desenvolvimento das vilas balneárias de Matinhos e Caiobá, neste período Pontal do Paraná ainda era a região balneária de Paranaguá.

Segundo DER (2015), no Paraná, no ano de 1966 houve a concentração em implantação de rodovias alimentadoras, envolvendo ligações rodoviárias de regiões próximas entre municípios e destes às principais rodovias estruturais de integração do Estado. Mais tarde, em 1987, houve a abertura oficial da PR 508 rodovia Alexandra – Matinhos com 30,50 km de extensão, encurtando distâncias da BR-277 com os municípios balneários de Matinhos, Guaratuba e deixando a capital paranaense “mais próxima”. Tal estrutura consequentemente aumentou o fluxo de pessoas a essas regiões, atraídas possivelmente pelo atrativo paisagístico e pela praia. Na imagem a seguir, as principais rodovias que dão acesso aos municípios balneários do litoral do Paraná (FIGURA 2).

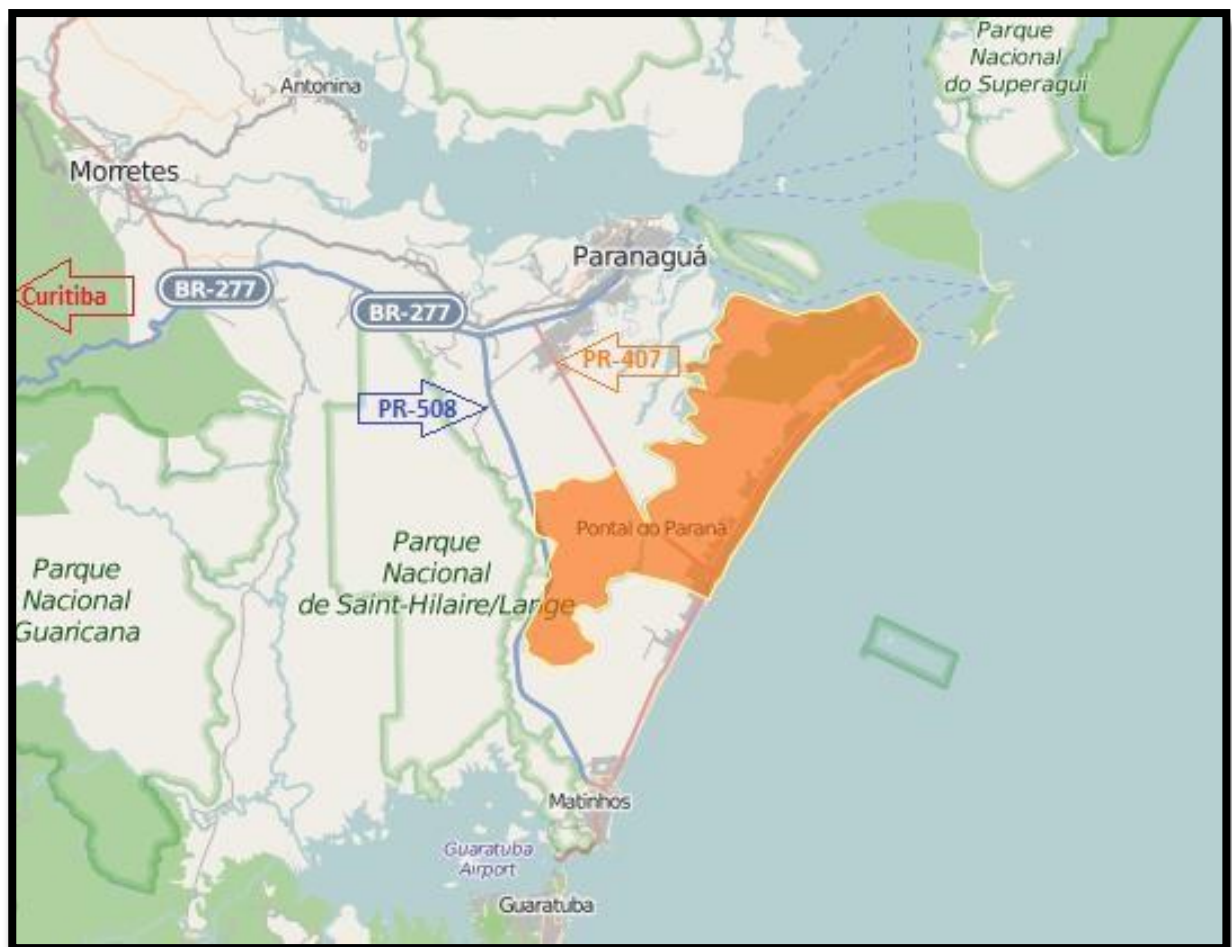


FIGURA 2: PRINCIPAIS ESTRADAS QUE DÃO ACESSO AOS MUNICÍPIOS BALNEÁRIOS LITORÂNEOS; FONTE: IBGE, 2014. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.



Os paranaenses então descobrem as praias, não mais com a procura do mar como tratamento de saúde, como era a demanda na década de 1930 e 1940 (BRAMBATTI 2011), mas com a perspectiva do ócio, da moda e do lazer. A partir de 1950 a orla paranaense começou adquirir o formato atual, uma ocupação linear junto a praia vindo a constituir o que Moura e Werneck (2000) denominaram como “ocupação contínua litorânea do Paraná”, sendo neste período realizadas compras e vendas de loteamentos sem nenhuma infraestrutura técnica<sup>1</sup> se constituindo apenas com um arruamento aberto em meio a restinga.

A partir de 1950 a orla paranaense começou adquirir o formato atual, uma ocupação linear junto praia vindo a constituir o que Moura e Werneck (2000) denominaram como “ocupação contínua litorânea do Paraná. No ano de 1990 os pouco mais de 40 km de orla atlântica do Litoral do Paraná estão praticamente tomados por loteamentos, balneários ocupados de forma desordenada e irregulares, Paranaguá ao perceber que problemas ocasionais pela ocupação descontrolada estava surgindo reclamações da população que habitava a sua “região balneária”, mais precisamente em 1887, começa a desenrolar a documentação para emancipação do novo município litorâneo “Pontal do Paraná”, com 199.847 km<sup>2</sup>, por pressão do volume populacional crescente em 1997 foi oficializado o desmembramento de Paranaguá, Pontal do Paraná independente, passa a assumir uma nova gestão administrativa. Um exemplo dessa desordem de espaços urbanos, loteamentos do município está no percurso da PR 412, entre Pontal do Paraná e Matinhos:

“Entre os balneários Pontal do Sul e Praia de Leste a distância é menos exígua, variando entre 400m e pouco menos que 600m (máximo de oito quadras, chegando a três na entrada de Pontal do Sul), mas entre Praia de Leste e Matinhos não excede 250m e chega a 100m na entrada deste último (no máximo quatro quadras; uma na entrada de Matinhos) e ao sul de Guaratuba não ultrapassa 100m (1 quadra)”. (Cf. PARANACIDADE, 1997).

---

<sup>1</sup> A infraestrutura técnica abrange a pavimentação das vias, a iluminação pública, as redes de abastecimento a cada imóvel (água, energia elétrica, telefonia etc.) e as redes de esgotamento sanitário e pluvial. Distingue-se, assim, da infraestrutura social, que compreende as escolas, creches, postos de saúde, hospitais, postos policiais, etc. (SOUZA, 2002).

O trecho da orla paranaense que faz parte do município de Pontal do Paraná, teve seu início pelo uso balneário em 1928, quando foi aprovado o loteamento vila balneária Praia de Leste que, como mencionado anteriormente não se desenvolveu.

Em 1950 se apresenta apenas como uma ligação importante para as praias pela “Estrada do Mar” (BIGARELLA, 1999), a seguir vista aérea do balneário de Praia de Leste (FIGURA 3).

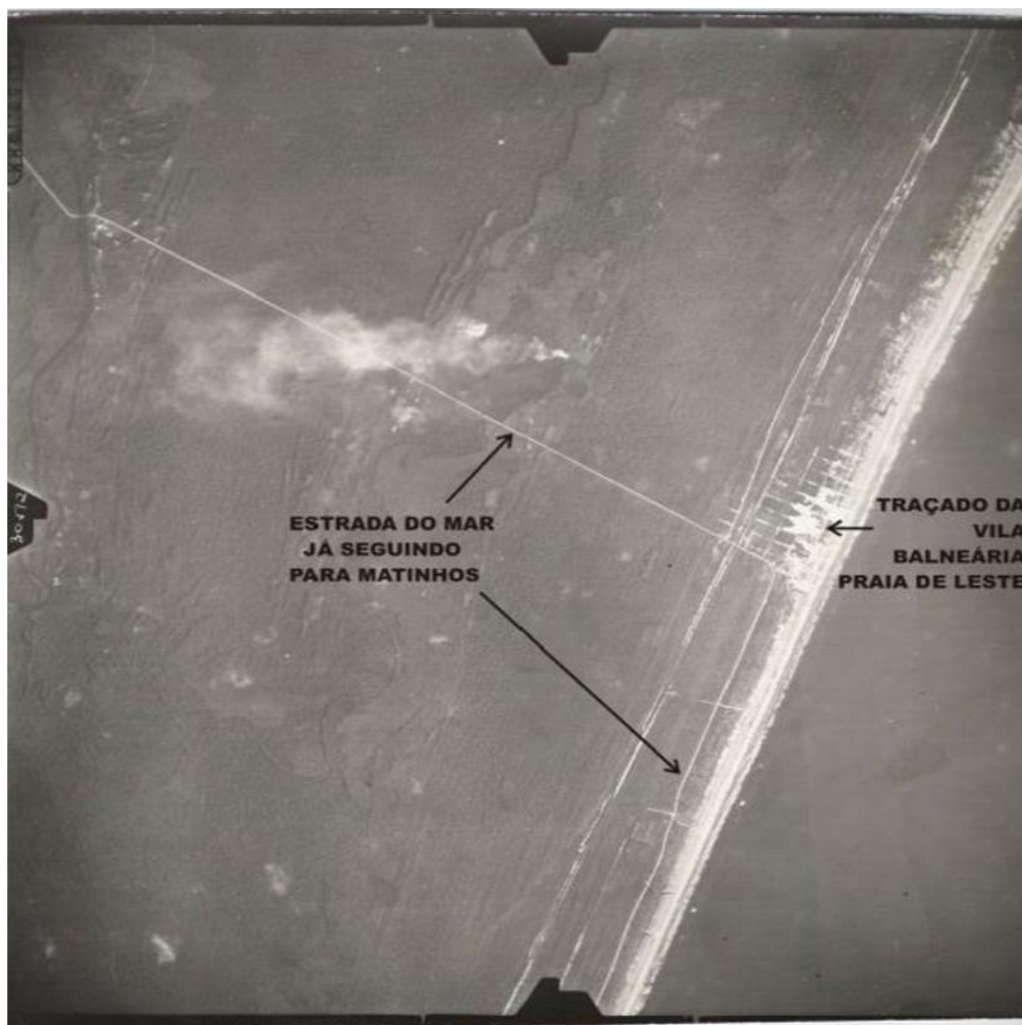


FIGURA 3: VISTA AÉREA DA VILA DE PRAIA DE LESTE DE 1953.  
FONTE: SAMPAIO, 2006; p. 96; Apud – CRUZEIRO DO SUL S.A. 1953.

O resultado desta ocupação não planejada do território praiano foi a configuração de municípios com forte dependência sazonal, em geral os municípios e população estão habituados a lucrar durante a alta temporada de verão e realizar atividades secundárias no restante do ano. Segundo Estades (2003), os setores econômicos, que movimentam mais capital em Pontal do Paraná, são o imobiliário e a construção civil, o que confirma os investimentos e incentivo a novos imóveis e

casas de segunda residência. Essa demanda por construção, compra e venda influencia na desordem urbana, sendo que o aumento destes imóveis sem ter o planejamento da administração pública, acaba que conseqüentemente não há tempo para montar a infraestrutura básica para atender toda essa população.

Outro setor importante é o comércio, que se destina principalmente a abastecer a indústria da construção e ao consumo dos turistas, já o comércio dirigido aos turistas sofre da intensa sazonalidade turística. A estação de alta temporada é curta e nem sempre suficiente para preencher os meses de março a novembro predominantes de baixa temporada, o que implica a estabilidade e melhora dos investimentos dos estabelecimentos, afetando a qualidade da oferta e causando o aumento dos preços durante a alta temporada. Por último, o setor que movimenta o município é o de serviços, que tem a administração pública como o grande ofertante e o grande empregador no município (ESTADES; 2003).

O estudo do IPARDES sobre a cadeia produtiva do turismo no Estado do Paraná, realizado em 2008, “aponta 2.186 estabelecimentos comerciais vinculados ao turismo no litoral. Desta demanda, 2.114 são microempresas – a maioria sem nenhum empregado, 70 pequenas e 02 médias”. Esse quadro aponta que a maior parte do grupo de trabalho é familiar e informal ou constituído por autônomos e apesar do número das microempresas, o efeito multiplicador no conjunto da economia é baixo, sendo que o desenvolvimento do turismo na região depende de ampliação e melhoria da qualidade dos equipamentos e infraestrutura (IPARDES, 2008, p.19). Atualmente, a população de Pontal é de 23.816 mil habitantes, conforme dados do IBGE senso de 2014.

## 5. O GUARAGUAÇU

### 5.1. TURISMO DE DENTRO PARA FORA, PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU

A questões que são problemas ocasionais com relação ao turismo, sobre a movimentação em alta temporada de verão da PR 407 que corta a comunidade, Batistel (2011) aborda que nos últimos anos como forma de solucionar o tráfego intenso da “Estrada das Praias/Mar” a ECOVIA, concessionária responsável pelo trecho da PR 407 em Pontal do Paraná, desde 2010 transforma-a em via de mão única no sentido Curitiba na tentativa de acelerar o fluxo de carros que retornam, tornando-se um desconforto aos moradores da comunidade do Guaraguaçu que por algumas horas ficam sem poder desloca-se da comunidade, fato abordado também na pesquisa de Batistel (2011, p. 23). Existe o interesse da comunidade na duplicação da rodovia, nos dias atuais ainda de mão simples, há o projeto de duplicação da PR 407, no ano de 2015 já se iniciou nos quilômetros iniciais em Paranaguá e que vai alcançar a comunidade do Guaraguaçu, porém com alguns aspectos positivos e negativos para a comunidade, casas irregulares serão removidas do entorno da PR 407, fato notado já nos primeiros quilômetros da obra em Paranaguá, onde claramente houve essas mudanças.

Muitos dos moradores trabalham em outros balneários e em municípios vizinhos, os comércios dentro da comunidade são poucos e muitas vezes é preciso se deslocar em busca de serviços de infraestrutura como bancos, farmácias, postos de gasolina, lotéricas, supermercados, postos de saúde etc. O principal modo de deslocamento identificado são carros próprios e motos, sendo que, a linha municipal de ônibus passa apenas três horários por dia na comunidade, pela manhã, meio dia e fim da tarde, outro modo de deslocamento são as bicicletas, e alguns seguem a pé, as infraestruturas citadas são encontradas no balneário mais próximo de Praia de Leste à 5 km de distância da comunidade (RAMOS E CONSTANTE 2013).

Além dos atrativos turísticos da comunidade consolidados, identificados a partir de pesquisas bibliográficas, documentais e a partir da percepção dos moradores, foram identificados os atrativos potenciais, são aqueles que pode vir a ser administrados pela comunidade dentro do segmento do turismo de base

comunitária, a partir das pesquisas, conversas e percepções em campo foi elaborado uma tabela que expõe os atrativos já consolidados pela comunidade do Guaraguaçu e os atrativos potenciais, que são mencionados na tabela como atrativos potenciais desconhecidos pela comunidade:

<b>Atrativos Consolidados pela Comunidade do Guaraguaçu (Batistel 2011)</b>	<b>Atrativos potenciais desconhecidos pela comunidade, identificados pelo autor</b>
Rio Guaraguaçu	Os foliões e o Fandango (resgate histórico)
Sítio Arqueológico Sambaqui do Guaraguaçu	Artesanato, Sabores e Saberes
Engenho de Farinha;	Aldeia M'bya Guarani
Café Caiçara do Guaraguaçu	Prato típico Cambira
Estrada Ecológica - Caminhada na Natureza	

QUADRO 5: ATRATIVOS CONSOLIDADOS E ATRATIVOS NÃO CONSOLIDADOS PERTENCENTES A COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU; FONTE: BATISTEL 2011. ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

## 6. ATRATIVOS TURÍSTICOS CONSOLIDADOS PELA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU

### 6.1 RIO GUARAGUAÇU

A comunidade rural do Guaraguaçu está à beira das margens do Rio Guaraguaçu sub-bacia de Paranaguá, tendo suas nascentes nas encostas da Serra da Prata na Colônia Pereira, braço da Serra do Mar que toca a embocadura da baía de Guaratuba, se desenvolve para o norte, indo desaguar na baía de Paranaguá tem cerca de 100 km atravessando mais de um município, em questões turísticas o rio contribui para o turismo de pesca e náutico, para a história do litoral atravessando o município era seu principal canal de ligação à Paranaguá.

“A comunicação entre Paranaguá e Guaratuba era feita ainda como relatado por Saint-Hilaire em 1820: por canoa de Paranaguá ao Pontal do Sul, em carroça de lá à ponta de Caiobá e, novamente por canoa, para a travessia da baía, num percurso de aproximadamente dez horas, mas que podia durar de um a dois dias, em função de mau tempo (cf. SAINT-HILAIRE apud SOARES, 1999; BIGARELLA, 1999).

O rio possui um trecho navegável de 60 km, que liga a ponte do Guaraguaçu à baía de Paranaguá. Os 30 primeiros quilômetros são de água doce, que vão até o Poço do Maciel, onde suas águas se encontram com as do rio Maciel. A partir deste ponto, o Guaraguaçu começa a receber a influência do mar, que salitra a água e faz o rio correr conforme as marés. Em alguns trechos da comunidade do Guaraguaçu é possível avistar Marinas na beira do rio com finalidades para o turismo, como pesca esportiva, passeios de barcos, caiaque, cultivo de camarão etc. Como exemplo em agosto de 2015, foi realizado pela secretaria de turismo e esporte e lazer o evento Festival Natureza, com a finalidade de usar o rio para esportes relacionados como caiaque e *stand up paddle*, pois suas águas calmas proporcionam lazer e tranquilidade, além de fazer parte da história do município, ainda há um grande potencial a ser explorado.

## 6.2 SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI DO GUARAGUAÇU

O segundo atrativo, talvez, o mais citado pela comunidade do Guaraguaçu na pesquisa realizada por Batistel (2011) é o sambaqui do Guaraguaçu. A palavra Sambaqui, em Tupi-Guarani significa “amontoado de conchas”, este sítio arqueológico foi o único tombado pelo Patrimônio Natural da Secretaria de Estado da Cultura em 26 de novembro de 1982, o sambaqui fica situado na Fazenda Sambaqui, propriedade particular de Ancora Comercial S/A, protegido pelo processo Nº 85/82. Inscrição Nº 13. Livro do Tombo Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico (Espirais do Tempo: Bens tombados do Paraná; Secretaria de Estado da Cultura; Curitiba 2006). O Sambaqui do Guaraguaçu (25°35'48" S, 48°28'12" W) tem o formato de um cone truncado é constituído por dois sambaquis sobrepostos sendo denominado sambaqui “A” e “B” mediam na base 300 metros de comprimento e 50 metros de largura e 21 metros de altura. O Sambaqui B foi datado pelo método do carbono- 14 em 4.128 ± ou – AP. ou 2.178 A.C (Espirais do Tempo, bens tombados do Paraná; Secretaria de Estado da Cultura; 2006). Estes dois sambaquis sobrepostos um no outro são os maiores sítios do gênero no litoral paranaense, em depoimentos da comunidade local falam que no passado as paredes do Sambaqui chegavam a alguns metros do forno Secular, que do topo era possível ver rastros do início da cidade de Paranaguá, hoje está aproximadamente 500 m de distância do forno secular Caieira, o que nos referência em dimensões o tanto que se foi perdido deste patrimônio no aterro de ruas e construções.

Vários sambaquis existem no litoral, mas apenas o do Guaraguaçu é tombado, oportunidade para a valorização deste bem como atrativo para o município, unir o único sítio arqueológico tombado as belezas do rio Guaraguaçu e da estrada ecológica (Domingos Mesquita Sant'Ana) são potenciais atrativos para serem desenvolvidos dentro da comunidade. O Sambaqui do Guaraguaçu resguarda a história da comunidade “Sambaquiba”, que viveu no Guaraguaçu há 4.200 anos, esses grupos viviam nas planícies litorâneas antes da chegada dos europeus, em zonas ricas em peixes, moluscos e crustáceos que eram sua alimentação básica, considerado importante, não apenas por assinalar a antiguidade da ocupação da área pelo homem, mas, ainda, pela extrema variedade de artefatos por eles produzidos e encontrados nas escavações (BATISTEL, 2011; p. 42). Na área ainda existe um forno secular, tombado junto com o sambaqui, usado no passado para a

transformação das conchas em cal para construções além do uso dos cascalhos das conchas para aterro de ruas, os dois estão tombados pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria da Cultura do Paraná.

A relevância natural e cultural presente na comunidade também é atrativo, assim, forma um conjunto que somando aos já existentes agrega valor ao atrativo principal, em um futuro próximo a comunidade tem meios para se conectar ao segmento do arqueio-turismo, segmento onde são atrativos e preservados os sítios arqueológicos locais que podem ser inscrições rupestres, oficinas líticas, sambaquis, marcas deixadas por civilizações antigas, marcas que fazem parte do passado, dos costumes, lugares em que esses povos se identificaram e permaneceram por centenas de anos, e porque não desenvolver este novo segmento arqueio-turismo como um modo de proteção e valorização ao atrativo turístico já existente, segmento que pode agregar valor à comunidade do Guaraguaçu sendo um marco referencial para Pontal do Paraná, sendo que seria o único nesta categoria no litoral.

Há mais campos potenciais que podem ser explorados dentro da comunidade do Guaraguaçu, por isso esta pesquisa não deve ser tido como palavra final. Definição de turismo arqueológico ou Arqueio-turismo:

“Consiste no processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática” (MANZATO, 2005, p. 44).

Essa popularização do tema “Sambaqui” é fundamental que o município tenha interesse em desenvolver, trabalhar com o reconhecimento da população diante do seu patrimônio. Destinar um projeto para a comunidade do Guaraguaçu e ao arqueio – turismo, podendo realizar visitas técnico científicas ao local, fazer resgate histórico, ou um espaço de lazer cultural para educação patrimonial, um local destinado para o receptivo da comunidade que podem ter exposições arqueológicas e históricas, existe um leque de oportunidades que podem ser desenvolvidas e principalmente é necessário conhecer para poder preservar. Há vários modelos de parques em funcionamento atuando com este segmento de arqueio-turismo que podem ser citados: como o parque municipal ambiental das Caieiras em Joinville – SC, foi proposto em 2005 e além de ser um local para preservar os recursos naturais da



região como fauna e flora, preserva também a questão do patrimônio histórico e arqueológico cultural que são os fornos “Caieiras”. Além do lazer, e promover a educação ambiental e patrimonial, uma das principais atividades do parque hoje é a visita técnico científica, em geral o número de visitantes gira em torno de 500 à 1000 pessoas por semana sendo concentrado este maior número nos finais de semana.

### 6.3 ENGENHO DE FARINHA

O terceiro atrativo citado são as farinheiras, forças dos hábitos passados, pois nos dias atuais é uma atividade que encontra-se praticamente em extinção com a chegada de mudanças de costumes e dos conflitos jurídicos-institucionais, especulação imobiliária, forças que em um meio social simples-humilde ocorre complicações e atinge as populações com menor inserção no mercado e maior dependência dos recursos naturais, tendo em vista que suas atividades de subsistência passam a ser ilegais, devido à legislação restritiva, percebe-se esta mudança claramente também na comunidade do Guaraguaçu onde farinheiras que já chegaram ao total de dez, nos dias atuais resta apenas uma em ruínas.

As farinheiras foram de suma importância para a economia local e os engenhos de farinha de mandioca por várias décadas eram muitos comuns na comunidade. A própria farinha representava um alimento fundamental para ser consumido com peixes, frutos do mar, carnes, aves, no preparo de caldos, pirões ou com café (RAMOS; CONSTANTE, 2013; p. 15), “[...] Em momentos em que não tínhamos dinheiro fazíamos trocas na venda, trocava farinha por outros produtos, e assim íamos passando [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante; 2015) em outro momento declara “[...] Cada família plantava apenas para o consumo nada era desperdiçado e se sobrasse era dividido com os vizinhos [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante; 2015). Durante a pesquisa em campo ao comentar sobre o crescimento da comunidade e mudanças de hábitos, dona Conceição nativa do Guaraguaçu fala que as pessoas da comunidade são humilde e não percebem o risco que é aumento da especulação imobiliária “[...] hoje percebe-se essa mudança

(especulação imobiliária) pelas mudanças das famílias, pelo fim das farinheiras e depois, seremos nós? [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante 2015).

O guia local Claudomiro Constante, nativo, residente a 40 anos na comunidade do Guaraguaçu declarou que as mudanças de hábitos com o conflito jurídico– institucional fez as pessoas cegamente vender seus terrenos na esperança de uma nova chance em outro lugar “[...] Minha avó vendeu parte das terras que tinha junto com a farinheira, depois de um tempo consegui recomprar um dos terrenos que pertencia a ela e guardei muitas ferramentas usadas no engenho e na roça [...]”. Claudomiro Constante se formou em 2012 na instituição UFPR Setor Litoral no curso de tecnologia em Gestão de Turismo e foi quem realizou o primeiro contato e documento sobre o Café Caiçara do Guaraguaçu para a UFPR Setor Litoral. Em pesquisas em campo foi identificado moradores interessados em expor seus materiais de trabalho para visitantes e contar a história da produção da farinha de mandioca, materiais usados nas farinheiras e para o plantio da mandioca, como resgate histórico.

#### 6.4 CAFÉ CAIÇARA DO GUARAGUAÇU

O quarto atrativo consolidado pela comunidade abordado na pesquisa de Batistel (2011) e que nos dias atuais é o mais estruturado para atender ao turismo é o Café Caiçara do Guaraguaçu. Começou em 2007 de forma a incentivar as mulheres da comunidade a aumentar a renda de sua família com produtos do seu dia-dia, preparando o típico café do caiçara com produtos selecionados naturais litorâneos para as demais pessoas que não o conhecia, identificar essas características é resgate cultural e foi o que as idealizadoras do café caiçara buscaram na hora de escolher seus produtos (RAMOS E CONSTANTE, 2013 p. 23). Em 2008 - 2009 foi realizado curso de empreendedorismo junto com a ONG Aliança Empreendedora do SEBRAE com oito mulheres interessadas da comunidade, capacitaram-se para melhor atender o público que já havia despertado curiosidade e apreço pelo produto, para a construção do café caiçara foram realizadas dinâmicas

com apresentações de pratos que eram consumidos pelos seus pais e avós, com produtos que a própria comunidade mantinha em seu quintal “[...] cada uma trouxe um prato para desenvolver o café caiçara [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante 2015). Após selecionar os produtos foi organizado um cardápio com pratos à base de mandioca e banana e para a apresentação foi marcado uma confraternização no qual compareceram representantes do SEBRAE, EMATER, prefeitura municipal e Banco do Brasil. Após a degustação todos os representantes preencheram um questionário para avaliar a qualidade e a forma de apresentação dos produtos (RAMOS e CONSTANTE, 2013; p.24).



FIGURA 4 - CAFÉ CAIÇARA DO GUARAGUAÇU, UFPR - SETOR LITORAL.  
FONTE: A AUTORA.

Moradora nativa do município à 65 anos e com incentivo do SEBRAE seguiu adiante, com a capacitação dos cursos de empreendedorismo percebeu o aumento da procura pelo Café Caiçara do Guaraguaçu, viu a oportunidade no turismo e percebendo a sua ótima localização tem planos de ampliar seu negócio (localizada à beira da PR – 407; km 17 Guaraguaçu), com a construção de uma estufa própria de

plantas nativas que ao turista parar para degustar o Café Caiçara também tenha a oportunidade de estar conhecendo da onde vem alguns produtos do café e um pouco mais sobre as plantas do nosso litoral por uma trilha interpretativa que será aberta não apenas para os turistas mas sim para todos que tiverem interesse em conhecer, “[...] com a proibição do plantio o que dá para fazer é montar um lugar com uma mudinha de cada coisa que a gente plantava antes, para que não deixe morrer a história, uma mudinha de café, de abacaxi e de produtos que tem no café caiçara [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante, 2015). Dona Conceição comenta sobre os trabalhos de plantio da roça de abacaxi e mandioca no passado, apresenta algumas fotos e fala sobre as farinhas que existiam no Guaraguaçu e da época em que a moeda era a base de trocas de produtos, que a base da alimentação era peixe, mandioca e caça, comentou sobre as festas religiosas tradicionais como a do Divino que hoje não existe mais em que os grupos de foliões passavam nas ruas anunciando as bandeiras da trindade e do divino Espírito Santo, e no último dia de festa terminava em Fandango, declarou que as pessoas da comunidade são humildes e não percebem o potencial que tem em suas mãos.

Em 2007 após a criação do Café Caiçara do Guaraguaçu com incentivo de Francisca Kaminski moradora do Guaraguaçu e na época Secretária de Desenvolvimento e Turismo, para fortalecimento do grupo local oportunidades surgiram, questão que teve maior relevância após contato do grupo com a UFPR Setor Litoral dona Conceição declarou [...] “após conhecer a faculdade (UFPR Litoral) os conhecimentos se expandiram” [...] (declaração: Conceição Ramos Constante 2015), declarou que teve apoio da instituição através de projetos de ensino, pesquisa e extensão atendendo eventos chegando à receber 600 pessoas dentro do setor, “[...] após contanto com a faculdade (UFPR Litoral), tive conhecimento para que o café fosse regularizado como empresa e também foi tema de trabalhos por alunos [...]” declara a universidade como incentivadora que abre novos caminhos, “[...] hoje o Café Caiçara do Guaraguaçu pertence ao Guaraguaçu e não somos “presas” a ninguém [...]” referindo-se a instituições públicas e privadas (Conceição Ramos Constante 2015).

Nos dias atuais o nome “Café Caiçara do Guaraguaçu” representa a comunidade e município em eventos e convenções, trabalho reconhecido e transmitido no programa Meu Paraná, na rede Globo em 2013, com o tema “Sambaquis” destacando ainda mais o produto. O produto foi divulgado pela Rede

Paranaense de Comunicação (RPC) no programa Caminhos do Campo exibiu uma matéria sobre o Café Caiçara e o passeio na região e isso trouxe bastante repercussão. A Paraná Educativa também mostrou interesse pelo assunto e fez uma matéria a respeito, o café também esteve presente em eventos no SESC - Caiobá em Matinhos, outra matéria só que em mídia impressa à revista da ECOVIA trouxe um panorama sobre o café caiçara e realizou um trajeto rápido pela comunidade do Guaraguaçu (RAMOS e CONSTANTE, 2013 p. 26).

O café apresentado hoje pela dona Conceição (percebe-se que é a maior responsável pela tomada de decisões no grupo), com um grupo de mulheres que acreditam nas possibilidades do seu produto para trazer melhorias para suas vidas e consequentemente para a comunidade do Guaraguaçu, suas funções são fixas assim como a responsabilidade, mas elas se ajudam em todas as tarefas conforme a demanda, “[...] com o passar do tempo sabe Carol, fui percebendo quem tinha responsabilidade pelo café, quando tem eventos só chamo quem tenho certeza que não vai nos deixar na mão como já aconteceu outras vezes, se nós não cuidarmos do nosso produto quem vai? São receitas exclusivas que hoje pertence ao Guaraguaçu [...]” (declaração: Conceição Ramos Constante, 2015).

Devido ao sucesso que crescia a cada ano as mulheres idealizadoras do café Caiçara do Guaraguaçu recebem convites para servir o café em eventos, principalmente eventos em que seu público é externo e buscam mostrar algo que é a cara do litoral, exemplo a ser citado no mês de outubro de 2015 o café atendeu na UFPR Setor Litoral o evento de Mestrado Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial e Sustentável contratado para atender 280 participantes (FIGURA 4).

Em novembro de 2015 o espaço Café Caiçara e Artesanato do Guaraguaçu, atendeu o SEBRAE com a Sala do Empreendedor, semana em que atendimento e palestras aconteceram no município com questões relacionadas à gestão empresarial tendo como público alvo ao microempreendedor individual, e a comunidade do Guaraguaçu no espaço café Caiçara, foi escolhida para ser cede de algumas destas palestras. Hoje o espaço Café Caiçara e Artesanato do Guaraguaçu (ANEXO 5), como é o nome empresarial, atende 30 pessoas e seus idealizadores estão em constante atualização quanto ao mercado sempre buscando qualificação, um destes exemplos a ser citado é que na mesma data em que ocorria a palestra do SEBRAE, dona Conceição líder do grupo se formou pelo Instituto Federal do Paraná campus Paranaguá, através do programa PROEJA – FIC (Formação Inicial e Continuada)

como Agente Cultural, o FIC tem por objetivo a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica e orgulhosamente apresentou o café e a comunidade do Guaraguaçu na semana acadêmica de Saberes e Sabores do IFPR – campus Paranaguá.

Os principais produtos oferecidos no Café são o bolo de banana com castanha, o bolo de aipim, o bolo de fubá na folha da bananeira, pão de aipim, chips de gengibre, pão de centeio, geleia de banana com cachaça, ricota, tapioca, bolo de aipim, torta salgada com peixe defumado, pão caseiro de vários sabores além de ser apresentado junto com sucos naturais como o maracujá e abacaxi fáceis de encontrar na região (RAMOS e CONSTANTE, 2013; p. 25), esses produtos vem sendo estudados e adaptados pelas idealizadoras que procuram com cuidado sempre inovar com ingredientes caiçaras, surgindo novas receitas, cada dia ganhando novos admiradores pelos seus sabores.

## 6.5 ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU, ESTRADA DOMINGOS MESQUITA SANTANA

O quinto atrativo consolidado pela comunidade abordado neste capítulo, é a estrada ecológica (ANEXO 2), de acordo com as pesquisas em campo, situada às margens do Rio Guaraguaçu a Estrada Ecológica tem cerca de 12 km de extensão, na sua maior parte existe um completo trecho de Mata Atlântica contendo paisagens preservadas podendo ser contempladas ao longo de seu traçado. A estrada dá acesso as propriedades, um pouco mais à frente da acesso à aldeia indígena M'bya Guarani, ao forno secular Caieira e ao Sítio Arqueológico Sambaqui do Guaraguaçu, tem seu início à esquerda da ponte do rio Guaraguaçu, no sentido de quem vem de Paranaguá na rodovia PR-407 (Estrada do Mar/Rodovia das praias). Sua extensão original é de aproximadamente 26 km até o balneário de Pontal do Sul, nos dias atuais o trecho transitável por veículo é de 10 km, os outros 2 km para se chegar ao Sambaqui tem que ser feito a pé ou de bicicleta.

A Estrada Ecológica pelas suas características preservacionistas e histórica já é um local nomeado como atrativo turístico pelo município, como as conchas do

Sambaqui que foram usadas para aterrar seu traçado e a mata preservada em seu entorno, no seu percurso é possível encontrar conchas do sítio arqueológico algumas em perfeito formato, margeando o rio Guaraguaçu e após 10 km de percurso, a estrada termina na entrada da aldeia indígena M'bya Guarani. O traçado original após estes 12 km foi fechado pela natureza onde a partir do Sambaqui restou apenas uma trilha pouco transitável pelas pessoas, normalmente feita de bicicletas adaptadas, a trilha leva até o balneário de Shangri-lá e depois à Pontal do Sul (BATISTEL, 2011, p. 41) mas no momento encontra-se desativada por falta de manejo.

As conchas do sambaqui eram usadas para pavimentação de ruas e construções como o antigo colégio dos Jesuítas em Paranaguá hoje sede do MAE – UFPR (Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR), várias ruas dos balneários de Pontal foram aterradas com o sambaqui causando danos irreversíveis ao patrimônio arqueológico (BATISTEL, 2011; p.42). O objetivo da estrada que margeava o rio Guaraguaçu, era de ligar o “povoado” de Pontal do Sul por terra até Paranaguá realizado em meados da década de 1950 (SAMPAIO 2006), em 1948 com a abertura da PR 412 ligando Praia de Leste a Matinhos e Praia de Leste à Pontal do Sul (SAMPAIO, 2006; p. 60) a estrada ecológica vai deixando de ser a única ligação de Praia de Leste a Pontal do Sul perdendo importância. A seguir o traçado original da estrada ecológica do Guaraguaçu, passando pelo balneário de Shangri-lá seguindo até Pontal Do Sul, traçado original em vermelho e em laranja PR 407 seguindo PR 412 sentido Matinhos. (FIGURA 5).



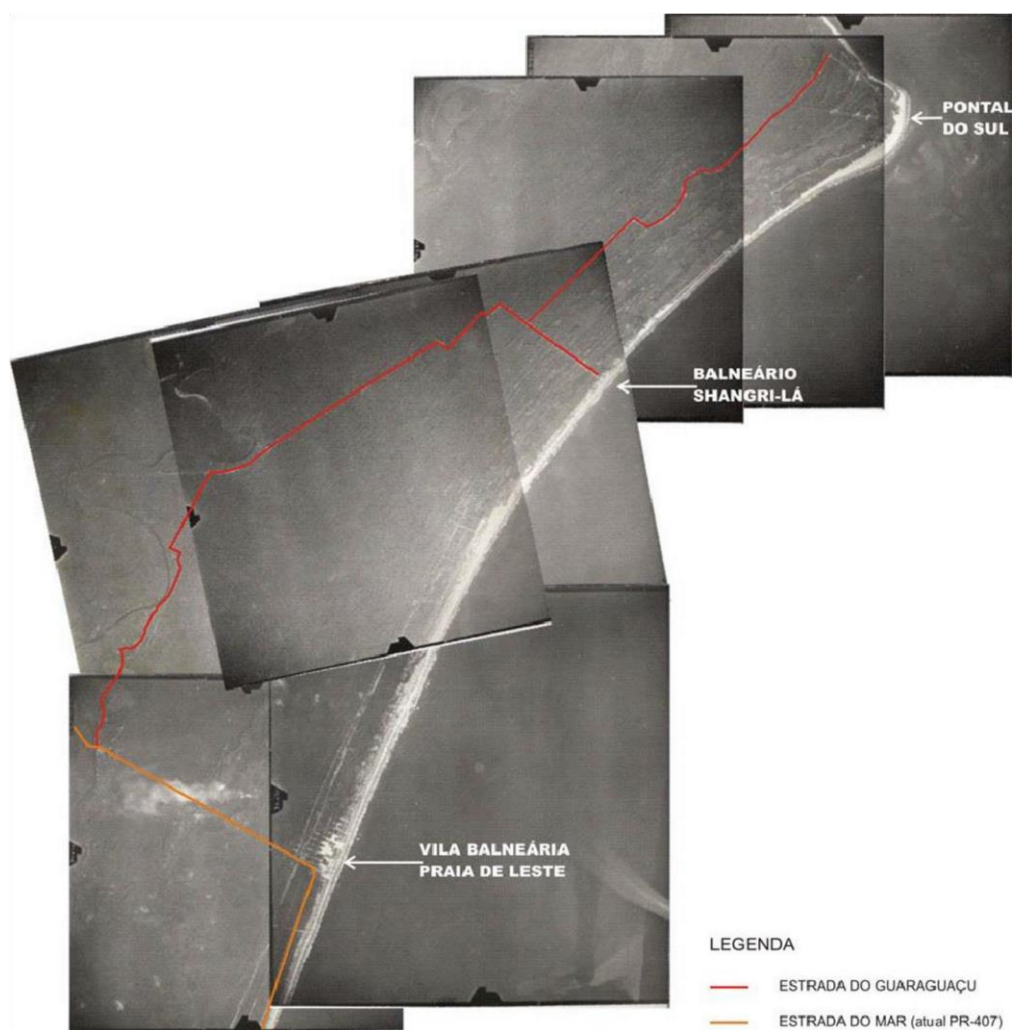


FIGURA 5 -ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU ATÉ PONTAL DO SUL EM MOSAICO DE FOTOS AÉREAS VERTICAIS EM 1953; FONTE: SAMPAIO, 2006; p. 98.

## 6.6 EVENTO MODALIDADE DE CAMINHADAS NA NATUREZA

O sexto atrativo consolidado pela comunidade é o evento de Caminhadas na Natureza, realizado na estrada ecológica. As Caminhadas na natureza no Brasil é comandado pela Anda Brasil – Confederação Brasileira de Esportes Populares, que segue as normas internacionais da Federação Internacional de Esportes populares (IVV), grupo que regulariza e faz a divulgação do circuito cadastrando – os em todo território nacional. Nos dias atuais existem mais de 50 países que adotam essa modalidade como incentivo a atividade física e incentivo à comercialização de



produtos agroindustriais, artesanais, além da divulgação de atrativos turísticos rurais e naturais que pertencem a estas comunidades receptoras do evento (ANDA BRASIL, 2015). No Brasil há 550 circuitos cadastrados na Anda Brasil, chegando ao alcance de 103.478 caminhantes cadastrados que fazem parte desta rede, recebendo informes e novidades sobre as atividades de caminhadas, no Paraná os circuitos são apoiados pela EMATER e pela secretaria de estado do turismo (ANDA BRASIL, 2015). No litoral paranaense existem cinco circuitos ativos (ativos, porque em questão são sete e por problemas ocasionais no ano de 2015 alguns não foram realizados pelas prefeituras) e, dentre estes, está o Circuito Eco-Cultural do Guaraguaçu em Pontal do Paraná, sendo o primeiro circuito litorâneo desta modalidade teve seu início em 2007.

As estáticas demonstram o potencial dos eventos de circuitos de caminhadas destacando o turismo como uma alternativa para a comercialização direta dos produtos da comunidade receptora do evento, segundo o Ecobooking (site destinado as inscrições online para as caminhadas, além de avaliador dos circuitos e do perfil de seus participantes), o Paraná aparece em 1º lugar no total de caminhantes ao redor do Brasil com 66% de participação ficando à frente do Rio de Janeiro (17%) e Mato Grosso (12%), talvez esta ótima pontuação do estado esteja relacionada com o Programa de Regionalização do Turismo que tem a finalidade de estruturação e qualificação das regiões para que elas possam desenvolver novos roteiros e nesses novos roteiros seguindo os critérios da modalidade pode-se aplicar as Caminhadas na Natureza.

Em relação com o perfis de participantes no Paraná 58% são mulheres entre 41 e 50 anos, Curitiba apresenta o maior número de origem dos caminhantes, segundo a EMATER, em 2014 foram realizadas 112 caminhadas totalizando 32 mil pessoas, para 2015 estão programados 122 eventos, as famílias proprietárias arrecadam em média R\$24,00 por caminhante e cada circuito tem a participação da comunidade receptora (cidadao.pr.gov.br).

Em Pontal do Paraná o percurso do evento de caminhadas recebe o nome de circuito Eco Cultural do Guaraguaçu (ANEXO 1) é de 10 km, sendo que a maioria de seus participantes é da região metropolitana de Curitiba. O evento é realizado nos meses em que predomina a sazonalidade turística no município entre os meses de Março a Novembro, é organizado pela secretaria de turismo junto com a EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural). Para poder entrar

na categoria de “Caminhadas na Natureza” existem alguns critérios de avaliação pela Anda Brasil que devem ser considerados: o circuito deve ser realizado em um ambiente rural e natural, envolver a comunidade receptora com o evento, devem ser empreendimentos de economia solidária, os circuitos devem ter 10 entre 15 km, a finalidade é a valorização do produto e atrativo da comunidade receptora, é uma modalidade esportiva não competitiva, deve ser gratuito para os participantes. Na sua 8ª edição realizada em agosto de 2015, a modalidade Caminhadas na Natureza foi conectada ao Festival Esportivo Natureza, realizando atividades diversas como caiaque, ciclismo, cavalgada, *stand up paddle*, o evento reuniu cerca de 500 pessoas conforme a estimativa da secretaria de desenvolvimento e turismo do município, porém este ano perdendo um pouco o foco sobre o que a modalidade de caminhadas realmente representa.

#### 6.6.1 EM CAMPO, PERCEPÇÃO DO EVENTO E DOS ENVOLVIDOS DA COMUNIDADE NO EVENTO DE CAMINHADAS NA NATUREZA 2015.

O circuito acontece a oito anos dentro da comunidade, e a cada ano tem aumentado seus participantes. No início em 2007 eram cerca de 100 pessoas chegando à 2015 com o número de cerca de 500, segundo dados e informações da Secretaria de Desenvolvimento e Turismo de Pontal do Paraná. No ano de 2015 a secretaria de turismo em parceria com a secretaria de esporte e lazer conectou o evento de “Caminhadas na Natureza” ao evento “Festival Esportivo Natureza”, em que várias modalidades como caiaque, *stand up paddle*, ciclismo, cavalgada, foram realizados em um único dia, notavelmente atraindo muitas pessoas. A Anda Brasil possui princípios como envolver a comunidade local e valorizar seu produto. Na edição de 2015, percebe-se que o evento não proporcionou destaque aos produtos locais da comunidade, perdendo a essência real do que a modalidade de caminhadas na natureza propõe, em 2015 ocasionando alguns conflitos.

O café caíçara foi deslocado do seu local de origem, pois a demanda do evento não seria comportada no espaço onde é servido o café, hoje dentro do estabelecimento para 30 pessoas, não houve venda de artesanato e os demais locais da comunidade destinado para atender ao evento foi o Restaurante da Marlene e a

Marina do Paulinho, por conta da demanda teve envolvimento de restaurantes no balneário de Praia de Leste, 5 km, cerca de 10 minutos do evento de carro.

Por conflitos ocasionais de temporadas anteriores e questões sociais relacionadas a gestão pública do município, a tribo Indígena M'bya Guarani que faz parte do circuito de caminhada como atrativo junto ao Sambaqui do Guaraguaçu, no ano de 2015, na 8ª edição do evento, não foi programado a passagem do público pela comunidade indígena, ou seja, não foi possível ter acesso ao forno secular e ao Sambaqui do Guaraguaçu, que se encontram após a comunidade indígena (Florinda, Aldeia M'bya Guarani, setembro de 2015). O resultado foi o cancelamento da primeira data que seria em Julho passando para o mês de Agosto, acontecendo mudanças no percurso sem que houvessem reuniões prévias com a comunidade local informando sobre esses pontos.

O resultado final foram dois eventos não comportados pela comunidade, havendo insatisfações pelos moradores, não havia sinalização correta para distinguir os dois eventos que apesar de ser realizado no mesmo local eram modalidades opostas, uma com relação a esporte e outra com natureza e turismo rural, quanto aos turistas e visitantes de outras temporadas perceberam as mudanças, aos que eram a primeira visita gostaram do evento. Após 5 km de realização do percurso de caminhada, o retorno foi por meio da Mata Atlântica que beirava o Rio Guaraguaçu em uma trilha improvisada, usada para mobilidade dos moradores, em que era possível notar o alargamento inadequado para comportar o intenso fluxo de pessoas, em alguns pontos percebeu-se pés de Palmito nativo no chão que despercebidamente foram pisoteados pelos caminhantes. A seguir imagens do evento de Caminhadas na Natureza circuito Eco-Cultural do Guaraguaçu 2015.

Na imagem “A” nota-se a guia regional de turismo Elizabete S. Pereira segurando algumas das mudas de Palmito encontradas no percurso, na imagem “B” mostra os exatos 5 km do percurso na estrada ecológica em que a caminhada é finalizada pela organização, observa-se o carro de apoio para os caminhantes aos fundos da imagem, a partir deste ponto o retorno foi direcionado à esquerda entrando na mata beirando o rio Guaraguaçu (FIGURA 6).



FIGURA 6: CAMINHADA NA NATUREZA CIRCUITO ECO-CULTURAL DO GUARAGUAÇU 2015. FONTE: A AUTORA 2015.

Outro aspecto notado nesta edição do evento foi o alargamento da estrada ecológica até a aldeia Indígena M'bya Guarani feita por máquinas da prefeitura (Florinda, Aldeia M'bya Guarani, setembro de 2015) descaracterizando a atrativo natural da estrada ecológica formando um grande areal no caminho, nesta passagem das máquinas na estrada até a tribo foi informado aos índios Guarani que seria necessário derrubar seu portão de entrada para concluírem o serviço na estrada, com a promessa de recolocar o mesmo. Após 20 dias da realização do evento, voltando ao local, constatou-se que o portão de entrada da aldeia estava do mesmo modo, entretanto este ato de retirada do portão não seria o mais viável diante dos conflitos já existentes, pois, o evento de caminhadas nesta edição não chegaria até a aldeia e a estrada ecológica termina no portão de entrada da aldeia Guarani, como citato por Colli 2012 “[...] a aldeia Guarani M'bya está localizada ao final da estrada ecológica do Guaraguaçu [...]” (COLLI, 2012; p.6), ao retornar a tribo 3 meses após o evento de caminhadas, o portão havia sido recolocado, mas por doação de empresa portuária, e não pela prefeitura segundo Florinda, esposa do cacique Irineu. A seguir imagens da estrada ecológica do Guaraguaçu tiradas durante a 8ª edição do evento de Caminhadas na Natureza 2015, (FIGURA 7). Na imagem “A” é possível ver



pontilhados brancos no areal mexido pelas máquinas, são pedaços de conchas do sítio arqueológico, na Imagem “B” em outro ponto do circuito nota-se a elevação da lateral feita pela passagem das máquinas.



FIGURA 7: ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU, EVENTO CAMINHADAS. FONTE: A AUTORA 2015.

A aldeia possui acesso restrito a pessoas de fora e com o alargamento da estrada e a derrubada do seu portão geram sentimentos de invasão de privacidade e desrespeito por parte dos “homens”, segundo Florinda (2015), esposa do cacique Irineu da Aldeia M'bya Guarani do Guaraguaçu, ao se referir aos funcionários das secretarias municipais. Outro ponto de desapontamento diante da 8ª edição do evento foi a descaracterização do Café Caiçara, produto local da comunidade do Guaraguaçu, segundo depoimentos de envolvidos no evento da comunidade local, a Secretaria de Turismo confirmou que iriam cerca de 250 pessoas consumir a alimentação, e por isso o café seria realocado para outro local, para a Marina do Paulinho, para melhor atender a demanda. No entanto, no dia do evento apenas 150 pessoas compareceram, a forma de venda, divulgação e local de consumo do café estavam desorganizados e pouco chamativos, sendo a retirada da ficha em um local

distante do de consumo, na qual os entrevistados declaram este o principal motivo pelo prejuízo, “[...] os organizadores este ano não realizaram reuniões prévias sobre o evento, não sabíamos que a tribo Guarani não iria participar, não sabíamos quantas pessoas esperar, pois falaram que iam destinar material (fichas e faixas de divulgação) e voluntários para nos ajudar a atender o evento e isto não aconteceu, foi como um trator passando pela comunidade [...]”, o Guaraguaçu possui associação de moradores e durante o evento foram arrecadados quilos de alimentos não perecíveis, ninguém soube informar se foi destinado as famílias mais frágeis da comunidade local. O almoço destinado para receber os caminhantes não foi muito diferente, a entrevistada Sr. Marlene declarou que os organizadores não realizaram reuniões prévias, apenas informaram que iam destinar material (fichas e faixas de divulgação) para vender o almoço no dia do evento, no fim acabou atendendo 150 pessoas da caminhada, “[...] com fichas ou sem fichas atendemos [...]” declarou satisfeita porém ressabiada com a quantidade de pessoas, “[...] não informaram quantas pessoas podiam vir, depois vi o pessoal pegando os tíquetes e indo para as praias (praia de leste), se é pro lugar (evento de caminhadas) tem que ficar pro lugar [...]”, (declaração: Marlene, Guaraguaçu; 2015).

Outra Sr.<sup>a</sup> da comunidade (identidade preservada) que preparou almoço para atender os participantes da caminhada declarou “[...] tive prejuízo, pois não fizeram o que prometeram (voluntários, fichas e faixas de divulgação), eu mesma sai em meio ao povo divulgando o almoço [...]” em outro momento declara, “[...] vi eles (organização do evento) enchendo a van com os voluntários e indo (almoçar) para as praias, poderiam ter comprado com a gente [...]”. Fato que se confirma por outras pessoas. A intenção de inovar conectando dois eventos para diferenciar um atual evento já consolidado é de grande perspectiva positiva, entretanto, deve-se levar em consideração a comunidade receptora e a capacidade do local, uma outra opção seria destinar o final de semana já que a caminhada acontece normalmente no sábado pela manhã ou colocar as atividades do Festival Esportivo Natureza para o período da tarde, isto é, se a comunidade estiver de acordo e ter capacidade para receber os eventos, os gestores vem para entrelaçar as ideias para que todos saiam satisfeitos.

## **7. ATRATIVOS POTENCIAIS IDENTIFICADOS NÃO CONSOLIDADOS PELA COMUNIDADE DO GUARAGUAÇU**

Neste capítulo foram identificados quatro atrativos potenciais não relevantes pela comunidade do Guaraguaçu, atrativos que podem vir a ser desenvolvidos e administrados pela própria comunidade caracterizando o turismo de base comunitária, são eles: Os foliões e o Fandango – resgate histórico; Artesanato Sabores e Saberes; Aldeia M'bya Guarani e Prato típico municipal Cambira;

### **7.1 OS FOLIÕES E O FANDANGO - RESGATE HISTÓRICO**

O resgate histórico também é atrativo turístico, o Guaraguaçu, comunidade caiçara presente na região litorânea há 150 anos (BATISTEL 2011), possui traços que são patrimônios da comunidade e do município, alguns costumes, parcialmente mantidos até o início do período de ocupação mais intensa da costa litorânea, ocorrida a partir de aproximadamente 1950, com a abertura da Estrada das Praias (atual PR-407), interligando a estrada Curitiba – Paranaguá (BR 277) com Praia de Leste.

O contraste cultural que o caiçara possui se dá ao primeiro encontro entre os europeus e os “ameríndios” e a força colonizadora implantada, percebe-se que os índios foram miscigenados escravizados e alfabetizados, conseqüentemente quase a extinção, não deixaram legados escritos, pois não dominavam inicialmente a escrita, mas deixaram os sambaquis e artefatos, cujas características indicam terem sido um povo simples (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Pontal do Paraná, não datado), “[...] meu avô pegou minha avó no laço, era índia [...]” declaração nas conversas com dona Conceição moradora nativa do Guaraguaçu com 65 anos de idade (Conceição Ramos Constante, 2015).

Até o início do século XIX o comércio de escravos foi livre e Portugal fez a comercialização de escravos trazidos direto da África, a história nos traz que a

entrada destes ocorria através dos principais portos da época, como Salvador, Santos, Rio de Janeiro e Paranaguá e a sua mistura com índios e brancos constitui traços marcantes do povo brasileiro, (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Pontal do Paraná, não datado). Da mistura dos índios com os portugueses e destes com os negros trazidos da África na sequência da história, formou-se um povo com características distintas, ou um povo novo (RIBEIRO 1970, 1997), esta foi a matriz étnica dos brasileiros, cujos costumes foram herdados e modificados ao longo do tempo.

A escravidão indígena não era tão comum quanto a de afrodescendentes, praticamente desde o início da colonização, em 1570 os portugueses decretam a primeira lei proibindo a escravidão indígena, embora praticamente proibida continuou a acontecer ao longo do território brasileiro, os Carijós e os Tupiniquins, grupos pertencentes a tribo M'bya Guarani que está no Guaraguaçu foram os principais habitantes da costa paranaense e que já encontravam-se extintos no século XVIII (VIEIRA DOS SANTOS; 1850). Dessas miscigenações surgiu o caiçara e somando as diversas características culturais existentes de cada povo mesclando outras influências, adaptando-se e diferenciando-se regionalmente surgiu o Fandango, a maioria dos pesquisadores apontam a origem do Fandango na Península Ibérica, de onde teria chegado ao Brasil através dos colonizadores portugueses e aqui se mesclado a outras culturas, chegando as suas características atuais.

Dona Conceição relata que quando criança existia Fandango no Guaraguaçu, músicas, melodias, versos e coreografias com instrumentos confeccionados pelos próprios tocadores que ao final dos mutirões de roça, pesca, caça ou das festas religiosas era realizado o Fandango como momento de confraternização.

Os mesmo instrumentos musicais do Fandango eram usados em romarias do Divino, festa religiosa tradicional do litoral relacionada a Trindade e ao Divino Espírito Santo conhecida popularmente como “Festa do Divino”, popular do catolicismo herdada dos seus colonizadores e adaptada ao modo caiçara, “[...]dias antes os foliões passavam de casa em casa recebendo ofertas (hospedagem e alimentação) fazendo novenas, levando as bandeiras vermelha e branca da Trindade e do Divino Espírito Santo, no final terminava em Fandango [...]” (Conceição Ramos Constante 2015).

Nos dias atuais é possível encontrar essa tradicional festa em Guaraqueçaba e Guaratuba, porém, com alguns toques modernos, o Guaraguaçu como parte do



litoral paranaense foi um dos lugares em que se perderam esses hábitos, porém, que existiram e que fazem parte da história da comunidade, pode-se pensar além do resgate histórico uma dimensão temática como agregado de valor para maior atratividade, ideia reforçada pelo Ministério do Turismo ao afirmar que “tematizar é importante para fins de planejamento e organização de um produto de acordo com a identidade que se quer dar ao atrativo, ao lugar ou região” (MTUR 2006, p. 23).

## 7.2 ARTESANATO, SABORES E SABERES

O segundo atrativo potencial identificado e não cogitado pela comunidade é o artesanato local sabores e saberes que estas pessoas possuem, a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – FAFIPAR em 2009 desenvolveu um trabalho em que foi elaborado um curso intitulado “Uso Sustentável da Terra”. Foi desenvolvida nesta atividade um esboço de preparação de plano de utilização territorial, utilizando-se como sua principal ferramenta, a educação ambiental e conscientização da diretoria e conselho fiscal de uma OSCIP (organização da sociedade civil de interesse público) criada no Guaraguaçu, esta foi instruída quanto à necessidade de um uso sustentável da região-alvo de projetos futuros. O curso da FAFIPAR baseou-se nos elementos que compõe o meio ambiente, suas potencialidades e fragilidades, conflitos de uso, determinantes socioeconômicos, qualidade de vida, representações sociais e anseios da comunidade localizada próxima à área destinada pelo plano diretor da cidade de Pontal do Paraná ao “Parque Nacional do Guaraguaçu” entorno da estação ecológica, (ERSE; CARVALHO; SILVA; 2009).

Durante o evento que de forma participativa envolveu comunidade foram identificadas 14 espécies com potencial de manejo sustentável, para artesanato, uso medicinal e comercialização, depois deste diagnóstico foram elaboradas três propostas de projetos para a pesquisa. Tais propostas foram confeccionadas de acordo com o anseio da comunidade, levando-se em consideração todos os parâmetros sociais, econômicos, ambientais e legislativos envolvidos no processo: a)- Extrativismo Sustentável; b) – Ecoturismo; c) – Novas intervenções produtivas na área-foco; (ERSE; CARVALHO; SILVA; 2009). A seguir na tabela os produtos

naturais que a comunidade do Guaraguaçu podem transformar para consumo relacionando com a atividade turística, produtos com finalidade medicinal também foram identificados, mas nesta tabela a seguir, será abordar os produtos naturais cuja finalidade é o artesanato e a culinária local.

Nome popular	Nome científico	Potencial de uso
Anoga		Óleo medicinal (laxante natural) / Artesanato
Araçá	<i>Psidium sp</i>	Venda direta / Produtos culinários
Canela do mato	<i>Cróton zehntneri</i>	Tempero / Aromati
Jambro	<i>Eugeni bocainensis / oblongata</i>	Venda direta / produtos Culinários
Muxinga	<i>Microlicia isophylla</i>	Venda direta / produtos Culinários
Palmito	<i>Euterpe edulis</i>	Venda direta / produtos Culinários
Papaguela		Venda direta / Produtos Culinários / artesanato
Tucum	<i>Bactris glaucescens</i>	Produtos Culinários/ óleo / artesanato
Camarinha	<i>Corema album</i>	Venda direta / Produtos Culinários
Ariticum	<i>Rollinia sylvatica</i>	Venda direta / Produtos Culinários
Ingá	<i>Ingá sp</i>	Venda direta / Produtos Culinários / artesanato
Coronha	<i>Ormosia arborea</i>	Venda direta / Produtos Culinários / artesanato
Tapiá	<i>Alchornea triplinervia</i> Arg.	Venda direta / Produtos Culinários / artesanato
Cipó corda-de-viola	<i>Ipomoea purpurea</i> Roth	Artesanato
Cipó Timbopeva		Artesanato / produção de vassouras
Coquinho Jerivá	<i>Syajrus romanzofiana</i>	Venda direta / Produtos culinários / óleo

Malacraia		Artesanato (semente)
-----------	--	----------------------

QUADRO 6: FLORA PARA O EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL. FONTE: FAFIPAR < (HTTP://REVISTAEA.ORG/ARTIGO.PHP?IDARTIGO=765>, ACESSO EM OUTUBRO DE 2015 ADAPTADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

Após a identificação dos produtos relacionados no quadro 6, os pesquisadores (FAFIPAR 2015), levantaram a possibilidade de um programa de extrativismo sustentável envolvendo a exploração de recursos naturais da Mata Atlântica, com projetos de reflorestamento das áreas degradadas e extração e replantio sustentável de ervas medicinais da região e plantas com potencial extrativista para fins de artesanato, está era a proposta do projeto da FAFIPAR.

Nos dias atuais temos como modelo parcial a dona Conceição, que nos fundos do quintal da sua casa criou uma estufa na qual concentra várias espécies da flora nativa do Guaraguaçu, das quais algumas ela está utilizando nos produtos do Café Caiçara do Guaraguaçu, como a geleia de amora, (declaração: Conceição Ramos Constante, 2015), foi dito como modelo parcial porque a ideia era ter uma área bem maior para realizar essas atividades de extrativismo sustentável, ela realiza de acordo com a sua infraestrutura, como não possui um espaço maior opta pelas mudas que tem menor porte, “[...] se houvesse um espaço maior, caberia muito mais [...]” (declaração: Conceição Ramos e Constante, 2015), futuramente vai adaptar o espaço para uma trilha interpretativa, após as pessoas degustarem o Café Caiçara podem conhecer o espaço de onde vem parte dos produtos naturais e outros tipos de flora encontradas no Guaraguaçu. Antes da instalação da estação ecológica o artesanato local era mais comum de ser encontrado, até mesmo nas barraquinhas de vendas na beira da PR 407, que atravessa a comunidade, costume que aos poucos foi se perdendo, nos dias atuais algumas pessoas até confeccionam dependendo do número de pedidos, pois os materiais antes utilizados a sua maior parte encontra-se dentro da estação ecológica, agora sendo a sua retirada proibida.

Em 2013, no espaço projetado que futuramente iria atender o Café Caiçara e que hoje são suas instalações fixas, foi realizada uma oficina de artesanato de cipó, organizado pela e para a comunidade, 10 pessoas participaram com o objetivo de relembrar o que no passado não tão distante era um processo habitual, uma característica identificada nesta oficina foi que a maioria dos participantes eram mulheres que já conheciam a pratica e que levaram suas filhas e filhos para

aprender, nota-se que a atividade de artesanato tinha mais responsabilidade por parte das mulheres enquanto os homens pescavam e caçavam, o sentimento gerado na oficina pela participação dos filhos destas artesãs, foi como um processo de repasse de conhecimento para outra geração (declaração: Conceição Ramos Constante 2015).

Eventos como este deveriam acontecer mais frequentemente para fortalecimento, reconhecimento e valorização dos conhecimentos da comunidade, os materiais confeccionados durante esta oficina em 2013 alguns foram vendidos pelos donos, outros é possível encontrar em exposição no espaço Café Caiçara e Artesanato do Guaraguaçu no quilometro dezessete da PR 407.

### 7.3 ALDEIA INDÍGENA M'BYA GUARANI

Parte da comunidade do Guaraguaçu encontra-se o território indígena M'bya Guarani, (ANEXO 3) terceiro potencial atrativo identificado, mas que possui grande relevancia para comunidade. A aldeia está localizada no final da estrada ecológica do Guaraguaçu cerca de 10 km, faz parte da Estação Ecológica do Guaraguaçu, é uma aldeia pequena e conta nos dias atuais com uma família de índios da etnia M'byá Guarani, segundo Florinda esposa do cacique Irineu já viveram cerca de 10 famílias na tribo totalizando 50 pessoas, mas restam apenas uma, sinal da pressão gerada por conflitos jurídicos – institucionais (Florinda, setembro de 2015). Segundo Schaden (1962, p. 9) os Guaranis dominavam quase todo o litoral brasileiro e grandes extensões do interior, destaca os Guaranis do Brasil Meridional, divididos em três grandes grupos: os Nhandevas (aos quais pertencem os Apapokúva e que também são chamados de Ava- Chiripas, Ava-Guaranis ou Ava-katu-etes Kaiowas e M'byas, com diferenças linguísticas e peculiaridades na cultura material e não material.

A família guarani que encontra-se no Guaraguaçu tem contato direto com a sociedade e se deparam com problemas jurídicos ocasionais, os índios resistem e ainda preservam muitos de suas práticas culturais como da pesca e do artesanato, a caça e o plantio são proibidas na área, a ajuda financeira e social vem de órgãos públicos e renda extra se dá por alguns visitantes que passam por lá, com as vendas

do artesanato para os turistas, alunos e pesquisadores que tem interesse em visitar o Sambaqui do Guaraguaçu, essa situação instável nos últimos anos gerou conflitos com os gestores municipais “[...] eles (representantes das secretarias municipais) não nos respeitam, vem aqui e acha que índio é bicho [...]” declaração realizada por Florinda (2015) esposa do cacique<sup>1</sup> Irineu.

Em geral a família Guarani é acanhada e cautelosa, não autorizaram ser fotografados e ao nos receber nos questionaram sobre quem éramos e como estávamos em um grupo de três pesquisadoras<sup>2</sup>, fomos atendidas pela esposa do cacique em respeito, como há este contato direto com a comunidade do Guaraguaçu eles falam o português fluente, entre si se comunicam em guarani e quando se sentem mais confortáveis quanto ao visitante contam um pouco sobre sua cultura e a forma como vivem. Em satisfação quando foi informado que a pesquisa estava vinculada a UFPR setor Litoral, de forma clara mostraram-se dispostos a conversar, demonstrando boa impressão pela a universidade. No estudo de Colli (2012) sobre a viabilidade de visitação turística ao Sambaqui do Guaraguaçu, fala sobre o interesse da aldeia M'bya Guarani em participar de atividades turísticas envolvendo o sítio arqueológico, interesse inda notado durante a visita realizada em 2015 para esta pesquisa, nos dias atuais nota-se que a aldeia é apenas um caminho de passagem para o Sambaqui do Guaraguaçu tendo pouco envolvimento com os visitantes o que deveria ser repensado, em 2015 sendo clara a demonstração, havendo o conflito de passagem do 8º evento de Caminhadas na Natureza, diferente dos anos anteriores está edição não foi até o sambaqui do Guaraguaçu, “[...] a gente limpava a trilha que leva até o sambaqui, mas traziam (secretarias municipais) turistas aqui e não compravam (artesanato) nada [...]” declaração de Florinda (2015) esposa do cacique Irineu, por conta de atrasos na entrega de cestas básicas, a família tem recebido doações de alguns grupos que vão até a tribo, a maioria grupos acadêmicos.



FIGURA 8: ARTESANATO INDÍGENA M'BYA GUARANI DO GUARAGUAÇU. FONTE: ELIZABETE S. PEREIRA; SETEMBRO DE 2015.

A etnia M'bya Guarani é do mesmo grupo que se localiza na Ilha da Cotinga em Paranaguá, a ocupação recente M'bya Guarani das ilhas, se deu em meados da década de 70 devido ao reconhecimento deste território como terra tradicional indígena (ANDRADE, 2013; p. 57), Florinda informou que o grupo não tem nenhuma ligação ao Sambaqui do Guaraguaçu, mas expressa sobre a importância e cuidados para prevenção do sítio arqueológico, não soube informar desde que data estão no Guaraguaçu, mas reconhece o grupo da Ilha da Cotinga como da mesma linhagem.

<sup>1</sup>O cacique tem o papel de estabelecer uma organização social entre os membros do grupo, que é responsável pelas relações externas que envolvem os diálogos com a sociedade envolvente. (Andrade pág. 57 2013).

<sup>2</sup>Diagnóstico em campo, outubro de 2015, estiveram a autora desta pesquisa Maria Carolina Gonçalves; e convidadas Sueli de Lima Colli Gestora e Guia de Turismo nacional e regional; Elizabete da Silva Pereira fotografa e Guia de Turismo Regional.



#### 7.4 PRATO TÍPICO CAMBIRA

A base da alimentação do nativo litorâneo era o peixe, a banana e a farinha de mandioca, com a chegada dos portugueses junto a eles trouxeram o sal, importante produto para conservação dos alimentos, esta característica deu outra perspectiva ao caixara o pescado que antes precisava ser consumido rapidamente passou a ser salgado e defumado (JUNGES, 2011). A seguir o quarto atrativo potencial não identificado pela comunidade e que pode vir a se desenvolver como atrativo turístico, além de ser formalmente o prato típico de Pontal do a Paraná e em geral do litoral: a Cambira.



FIGURA 9 - APRESENTAÇÃO DO PRATO TÍPICO CAMBIRA, PONTAL DO PARANÁ.  
FONTE: JUNGES, GAZETADOPOVO;2011. < GAZETADOPOVO.COM.BR/LITORAL/UM-PRATO-CHEIO-DE-HISTORIA;> ACESSO SETEMBRO DE 2015.

A saída para conservar o pescado em grande quantidade em épocas em que não havia luz elétrica para todos era salgar o pescado deixando-o pendurado no cipó Cambira secando ao sol. A partir deste processo ficou comum ouvir o nome Cambira, nome popular referente a um cipó encontrado em abundância no litoral paranaense em que os pescadores usavam para pendurar seu pescado, cipó conhecido pela sua flor roxa (declaração: ex-Secretária de Turismo de Pontal do Paraná Francisca Kaminski 2013). Em Pontal do Paraná a sua população é bem diversificada, não possui traços culturais fortes como os casarios de Paranaguá, ou grandes grupos tradicionais como os de Fandango, seus habitantes a maioria como apontado pelo estudo do PDTIS (2009), são da região metropolitana de Curitiba, o que restou da cultura caiçara no município são algumas vilas de pescadores que ainda resistem, a maioria comercializa pescados para moradores e turistas que vem ao município.

A Cambira é um prato típico caiçara litorâneo, no ano de 2000 Pontal do Paraná percebe a oportunidade de promover a Cambira como seu prato típico e atrativo gastronômico do município a partir de um fórum de desenvolvimento local com o SEBRAE, em 2005 pela Secretaria de Desenvolvimento Turismo e Cultura foi elaborada a apresentação da Cambira como atrativo gastronômico e realizado oficialmente a sua regularização como prato típico de Pontal do Paraná, não podendo nenhum outro município litorâneo se promover com este (KAMINSKI; 2013), “[...] no começo alguns não acreditavam no potencial de um prato tão simples [...]” declaração da Sr.<sup>a</sup> Francisca Kaminski, ex-Secretária de Turismo de Pontal do Paraná.

A seguir um breve levantamento histórico sobre o desenvolvimento da Cambira no município de Pontal do Paraná a partir da sua idealização como produto turístico gastronômico, declarações concedidas em 2013 pela ex-Secretária de Turismo Francisca Kaminski, durante a pesquisa Otimização Turística do Sambaqui do Guaraguaçu (GONÇALVES, GOUVEIA; 2014), quadro atualizado em 2015 pela autora.



RELAÇÃO TURISTICA DO PRATO TIPICO CAMBIRA – PONTAL DO PARANÁ
Ano 2000 – Ideia de transformar a Cambira como prato típico de Pontal do Paraná;
Ano 2001 – Em parceria com o SEBRAE foram convidados restaurantes do município para mostrar o modo de preparo e forma de apresentação dos pratos para o público, no final do evento houve um miniconcurso sendo avaliados os critérios apresentados durante o evento;
Ano 2002 – 1ª Curso gastronômico sobre o histórico e preparação da Cambira para restaurantes do município;
Ano 2004 – Lei municipal para patentear a Cambira como prato típico de Pontal do Paraná;
Ano 2005 – A Cambira lançada oficialmente como produto turístico gastronômico representando o município de Pontal do Paraná;
Ano 2006 – Como forma de incentivo foi realizado o concurso da melhor Cambira, no Festival de Frutos do Mar, participação de restaurantes municipais;
Ano 2007 – 2ª Curso gastronômico sobre o resgate histórico e preparação da Cambira para restaurantes do município;
Ano 2011 – Apresentação da Cambira na arena gastronômica do primeiro 1º Festival de Turismo do Litoral em Morretes, o chefe sendo participante dos cursos anteriores em Pontal do Paraná;
Ano 2011 – Um Prato cheio de história; matéria na Gazeta do Povo, abordando a Cambira como prato típico litorâneo em Pontal do Paraná.
Ano 2012 – Apresentação e degustação do prato típico Cambira no evento da ABAV (Associação Brasileira de Agentes de Viagens) em Curitiba. Pontal do Paraná participou representando os outros seis municípios litorâneos;
Ano 2013 – 3ª Curso gastronômico sobre o resgate histórico e preparação da Cambira para restaurantes do município;
Ano 2014 – Apresentação e degustação da Cambira para o público do evento da ABAV (Associação Brasileira de Agentes de Viagens) com o tema “Pratos do Litoral” junto com o Barreado de Morretes em Curitiba;
Ano 2014 – Pontal do Paraná foi sede do 4º Festival de Turismo do Litoral, promovendo a Cambira;

QUADRO 7: PRATO TIPICO CAMBIRA – PONTAL DO PARANÁ. FONTE: FRANCISCA KAMINSKI; 2013. ADAPTADO E ATUALIZADO POR GONÇALVES, MARIA 2015.

Em 2005 a Cambira foi elevada à categoria de produto turístico de Pontal do Paraná, o prefeito da gestão na época junto com a secretaria de desenvolvimento turismo e cultura comandada pela Sr.<sup>a</sup> Francisca Kaminski lançaram um movimento de resgate da Cambira, procurou pescadores da região para fazer o resgate histórico do modo de preparo da Cambira, pessoas como dona Antônia Franco pescadora, moradora nativa do balneário Ipanema, pessoas que tinham realmente vivenciado a época da Cambira onde ainda não havia energia elétrica na região, começou um resgate do preparo do prato tão próximo dos caiçaras da região, após isso foram realizados cursos gastronômicos sobre o prato típico para donos e chefes de restaurantes do município para atender aos turistas.

A maior dificuldade nos dias atuais para quem visita Pontal e quiser provar o mesmo prato divulgado pelo município é de talvez não encontrar tão facilmente, pois os restaurantes só o fazem sob encomenda, e apesar da movimentação e incentivo do município com a imagem do prato típico a Cambira está acrescentada no cardápio de poucos restaurantes, segundo Francisca Kaminski (2013) há uma clara dificuldade na promoção do prato típico dentro do próprio município tanto pelo empresariado como pelo reconhecimento da população, “[...] há uma dificuldade em entender que a Cambira é um prato simples, porém, com grande valor cultural e potencial [...]”, em outro momento declara “[...] é um trabalho contínuo e que se deve ganhar espaço com o tempo[...]”. Em eventos em que a Cambira foi apresentada nota-se que o público que possui o nível cultural mais elevado são os maiores apreciadores do prato e demonstram curiosidade pela sua história (KAMINSKI; 2013), mas que ao chegar no município correm o risco de não encontrar o mesmo. Como informado anteriormente a base da alimentação do caiçara litorâneo era o peixe seco, a banana e a farinha de mandioca, com um município em que a maioria de seus habitantes são da região metropolitana de Curitiba, além do número elevado de segundas residências (PDTIS, 2009), o que restou dos traços do caiçara em Pontal do Paraná ainda pode ser encontrado no Guaraguaçu, que veridicamente conhecem e poucos ainda possuem hábitos dos caiçaras da região, hoje o Guaraguaçu possui três locais em que é possível receber grupos de até 50 pessoas para servir a Cambira, é de grande valor apresentar o prato típico em seu ambiente natural e real.

Os Ingredientes principais são o peixe seco/defumado cozido na panela de barro, banana da terra e farinha de mandioca, para preservar as características originais do prato e realçar o sabor dos ingredientes a Cambira deve ser feita em uma panela de barro, pode ser acompanhada por arroz branco e saladas, a quantidade de ingredientes e o modo de preparo é possível encontrar no anexo 6 deste trabalho.

## **8. EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA COMUNIDADE E EQUIPAMENTOS DE APOIO DA CIDADE.**

Equipamentos turísticos são os equipamentos e serviços turísticos ofertados para melhor atender o período de permanência do turista serviços e instalações em função da atividade turística e que existem para o melhor desenvolvimento dela como os meios de hospedagem, sinalização turística, serviços de alimentação, centro de informações turísticas, agentes receptivos, lojas de souvenir, guias de turismo locais e instalações para entretenimentos. Equipamentos turístico da comunidade do Guaraguaçu: A comunidade possui quatro marinas que possuem caiaques e barcos pequenos para locação para passeios no rio Guaraguaçu e dois restaurantes locais, um dentro de uma das Marinas, três lanchonetes, para souvenir tem o espaço Café Caiçara e Loja de Artesanato Guaraguaçu e um guia local dentro da comunidade.

Os equipamentos de apoio são aqueles que estão destinados a atender as necessidades fora da atividade turística como uma infraestrutura de apoio ao turista individual ou ao que está em grupos como serviços de comunicações, transportes para deslocamento neste caso terrestre e náutico, sistema de segurança municipal, farmácia, hospitais, bancos, caixa 24hs, rodoviárias, aeroportos, postos de gasolina, estradas e rodovias bem sinalizadas, *baby sister*, casa de câmbio, basicamente tudo o que uma cidade turística deve ter. O balneário de Praia de Leste é o mais próximo da comunidade Guaraguaçu, cerca de 10 minutos de carro, este possui alguns equipamentos que podem auxiliar a atividade turística para a comunidade. Equipamentos de apoio ao turismo mais próximos da comunidade do Guaraguaçu: Posto de atendimento de saúde 24hs, farmácias, caixa de banco 24hs, lotérica, rodoviária, posto de gasolina 24hs, um centrinho com lojas, conveniências e comércios de vida noturna, posto policial 24hs, taxis, prefeitura municipal, não foi identificado um ponto para informações turísticas, ou casa de câmbio, todos estes citados estão localizados no balneário de Praia de Leste.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados alcançados constatou-se que a atividade turística está presente na comunidade, ainda que sem grandes efeitos, que há uma boa aceitação para a atividade, porém, muitos não sabem bem ao certo como funciona. A partir da compreensão alcançada com base em algumas análises da pesquisa é possível notar algumas considerações a serem feitas.

Em geral o objetivo deste trabalho foi alcançado, tendo em vista os aspectos observados foi feita uma descrição dos atrativos já consolidados pela comunidade e município e foram identificados atrativos potenciais para desenvolver a atividade turística na comunidade do Guaraguaçu, Pontal do Paraná, atrativos que somando aos demais consolidados e melhorando sua infraestrutura são grandes potenciais turísticos para se trabalhar em Pontal do Paraná, este trabalho se dá como forma de contribuir em material de pesquisa para o desenvolvimento turístico na comunidade.

Nota-se que os residentes são a favor da prática do turismo na localidade pelo principal conhecimento da geração de benefícios econômicos e sociais que chegaria a todos, mas o grupo age sem grandes esforços para que a atividade evolua, notando interesses isolados, constatou-se o pouco envolvimento da comunidade na tomada de decisões para o fomento da atividade e impaciência para o processo que avança lentamente, é importante fazer o exercício de recapitular e reordenar as principais linhas de pensamento com os moradores, analisar a vocação turística do núcleo receptor, buscar apoio instrucional para o início de sua realização, sendo um trabalho contínuo. A melhoria da infraestrutura da comunidade e posterior divulgação é uma das primeiras atividades a serem feitas, sendo que envolve não somente o bem-estar dos turistas, mas também a comunidade local.

Como ponto positivo neste processo de pesquisa constatou-se que quatro moradores com perfis de representatividade na comunidade procuraram se especializar em cursos técnicos científicos e de graduação, estes tem conhecimentos mais claro sobre a atividade turística e apresentam propostas de mudanças para a comunidade. Essas propostas foram registrados em artigos científicos e dissertações, nas quais, apresentam dados, referências e sugestões, informações não encontradas em arquivo municipal, pesquisas que colaboraram para o desenvolvimento desta monografia. Estes representantes locais seguem caminhando

sem a assistência municipal e mostraram-se interessados para o turismo principalmente pelo retorno de preservar sua história e costumes ainda que esse processo se desenvolva lentamente.

Há necessidade de novos atrativos para movimentar Pontal do Paraná no período de baixa temporada por conta da sazonalidade turística, atividades como eventos, roteiros turísticos, apostar em atrativos naturais e culturais que necessariamente não dependem da estação verão para serem realizados ou visitados, que sejam bens próprios como a comunidade do Guaraguaçu, uma das alternativas com poucos recursos é investir no potencial local como atrativo. É importante que mais famílias participem do desenvolvimento do turismo de base comunitária, além da busca inicial de parcerias com o poder público ou iniciativa privada. O TBC tem por finalidade chegar de forma pacífica para promover o uso dessas áreas tanto no âmbito natural e cultural havendo envolvimento da comunidade receptora com os visitantes.

Para uma abordagem estratégica do turismo na região há a necessidade de mobilizar os agentes setoriais, representantes da comunidade (associação de moradores), instituições de ensino, iniciativa pública e privada para estes se tornarem multiplicadores da atividade turística. A temática levantada nesse trabalho é de que, por meio da análise e estudo da problemática abordada, a comunidade e os gestores municipais de Pontal do Paraná percebam a importância dos potenciais atrativos que possuem. A pesquisa certifica que a comunidade possui aspectos potenciais para compor atrativos turísticos, nos dias atuais é possível notar o início da atividade. O local está entrelaçado a caminhos prováveis ao desenvolvimento independente do aspecto inicial, podendo partir da iniciativa local, pública ou privada, é imprescindível a conscientização da comunidade com relação a atividade turística para que essa não se torne motivo de declínio do local ou devastação da comunidade, todos devem ter consciência da importância do seu papel no desenvolvimento do turismo, sendo esse um dos caminhos possíveis para a preservação e desenvolvimento da comunidade do Guaraguaçu como parte dos atrativos turísticos de Pontal do Paraná.

## 10.REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_Anda Brasil, Confederação Brasileira de Esportes Populares disponível em:< [www.andabrasil.com.br](http://www.andabrasil.com.br)> Acesso outubro de 2015;
- BOULLÓN, Roberto. **Planificación del espacio turístico**. Trillas: México, 1985.
- BRASIL. Ministério do Turismo; **Módulo Operacional 7 - Roteirização Turística**; p. 15 - 28; 2007.
- BRASIL. Ministério do Turismo; Chamada Pública MTUR nº 001/2008 – **Apoio às Iniciativas de Turismo de Base Comunitária**. Brasília, 2008b.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 8 – Promoção e Apoio à Comercialização**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística**. Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil. Brasília, 2005.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. Brasília, 2008a.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Brasília, DF, 2013.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil - Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural**; pág. 20; 2010.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 8 – Promoção e Apoio à Comercialização**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007, p.17.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo e o Mercado** 1º edição. 2010.
- BUTLER, R. **Seasonality in tourism: Issues and problems**. In: SEATON, A.V. (ed.), **Tourism: the state of the art**. Chichester, UK: John Wiley and Sons, p. 332-339, 1994;

BRAMBATTI, E. L. **"Sazonalidade e turismo Extratemporâneo no Litoral do Paraná"**, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, 2011;

BRASIL. Ministério do Turismo: **Manual Caiçara de Ecoturismo de Base Comunitária** 2010;

BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BENI, M. C. **Como Certificar o Turismo Sustentável**; 2003.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. - 10º Ed. - São Paulo: SENAC, 1997

BATISTEL. A. A. **Guaraguaçu e o Turismo: um Levantamento a Partir do Georeferenciamento e da Percepção da Comunidade**; 2011.

**Cenário Global do Turismo.** Disponível em:<<http://www.monteverde.mg.gov.br/index.php/saiba-mais/plano-de-turismo/47cenario-global-do-turismo-dados-e-tendencias>>. Acesso outubro de 2015;

CHEMIN, M. **Constituição fisionômica e identidade visual em espaços de paisagens: um estudo de caso múltiplo em cidades turísticas do litoral do Paraná**. (Tese) Doutorado em Geografia. UFPR, Curitiba, 2011.

CORIOLO, L. **O turismo comunitário no nordeste brasileiro**. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

COLLI. S. L. S; **Estudo da Viabilidade de Visitação Turística no Sambaqui do Guaraguaçu**; 2012

CRUZ, R. de C. A. da. **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para ensar a realidade brasileira**. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

DER. **Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Paraná**. Disponível em:<[www.der.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=133](http://www.der.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=133)> Acesso em maio de 2015;



DOWBOR, L. **A Reprodução Social**. Petrópolis, Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_**ESPIRAIS DO TEMPO: Bens tombados do Paraná**; Secretaria de Desenvolvimento Departamento de Turismo e Cultura 2006. Disponível em:<[www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo58](http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo58)> Acesso Julho de 2015.

FREIRE M. **Município de Presidente Figueiredo no estado do Amazonas**; 2013.

\_\_\_\_\_**EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/institucional/2015-04-06-14-28-40.html>>. Acesso Agosto 2015.

GONÇALVES. C. M; GOUVEIA. S. H; - **Otimização Turística do Sambaqui do Guaraguaçu, Pontal do Paraná; 2014**. Artigo científico apresentado e aprovado pelo Festival Internacional de Turismo das Cataratas do Iguazu 2015.

GAYER FUNDEMA, P, G; Joinville – **Parque Municipal Ambiental Caieiras**; em: <<http://www.consciencia.com.br/2008/12/07/parque-natural-municipal-da-caieira-joinvillesc/>> **acesso Julho de 2015**.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <[http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo\\_horochovski\\_meirelles.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf)> Acesso em: Julho de 2015.

HARB, A. G; OLIVEIRA, I. C. **O Olhar dos Residentes sobre o Turismo Desenvolvido na Comunidade**; 2011.

IRVING, M. de A. **Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível?** In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) UFRJ Turismo de base comunitária: **diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2009.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Litoral do Paraná**, censo 2010; 2014; 2015.

IPARDES, **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e social**; 2010.

KOTLER, P; KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LOVELOCK, C; WRIGHT, L. **Serviços: Marketing e Gestão**. São Paulo: Saraiva, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

MARLEBA, R. **Fundamentos do Turismo, Atrativos Turísticos** 2013.

MENESES, C, L, A, M. **Roteiro Turístico Histórico Cultural “Teresina me Fascina”:** **Uma Proposta**, Brasília-DF 2011.

NICOLÁS, D. H. **Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo**. In Adyr A. B. Rodrigues (org.) **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, HUCUTEC.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ORGANIZACION MUNDIAL DEL TURISMO (OMT), (1996): **Implications of the UM/WTO Tourism Definitions for the U.S. Tourism Statistical System**, (1994): **Recomendações sobre estatísticas de turismo**, Madrid.

PDU – **Plano de Desenvolvimento Urbano de Pontal do Paraná**. p. 01-06; - Não datado.

\_\_\_\_\_ **Prato típico Cambira, ingrediente e o modo de preparo**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/litoral/um-prato-cheio-de-historia-994v4bxu6fr5ksqyczbihzivi> Acesso em: Setembro de 2015.

ESTADES, N, P. **O litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social** **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 8, 2003.

PDITS – **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável** 2009;

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

PINTO, R.; CASTRO, L. L.C. **Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico-conceituais**. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p.213-226,2013.

RAMOS; D. CONSTANCE; C. **Café Caiçara: Possibilidade de Atrativo Turístico para a Comunidade do Guaraguaçu 2013.**

SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro.** In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SETU, **Estudo da Demanda Turística do Litoral do Paraná, 2000 – 2006,** Secretaria de Turismo do Estado; 2006.

SANTANA TALAVERA, A.; PINTO, R. **Bordes y límites del modelo de Ciclo de Vida del producto turístico.** Reflexiones desde el terreno de investigación. Aportes y Transferencias / Tiempo Libre: Turismo y Recreación, v. 1, p. 119-135, 2010.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond. 2000.

SILVA, R. R; BENEGAS, A. A. **O uso do Estudo de Caso como Método de Ensino na Graduação.** Revista Economia & Pesquisa v. 12, n.12, p. 9 - 31; 2010.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da cultura Guarani,** São Paulo 1962 p. 09.

STEINBERGER, CAMPOS, NEIO. **Vulnerabilidade do uso do Território da Cidade pelos Turistas.** In: The Fourth Internacional Conference On Population Geographies, The Chinese University of Hong Kong, July, 2007.

\_\_\_\_\_**Viagens Domésticas.** Disponível em:<<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/3178-mtur-faz-campanha-para-incentivarviagens-internas.html>>. Acesso novembro de 2015.

WORLD WILDLIFE FOUATION. Turismo Responsável: **Manual para Políticas Públicas.** Brasília: WWF, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** – 4.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2010.

## 11. ANEXOS

### ANEXO 1 - 8º EDIÇÃO DO EVENTO DE CAMINHADAS NA NATUREZA CIRCUITO ECO-CULTURAL DO GUARAGUAÇU.



FONTE: A AUTORA, AGOSTO DE 2015

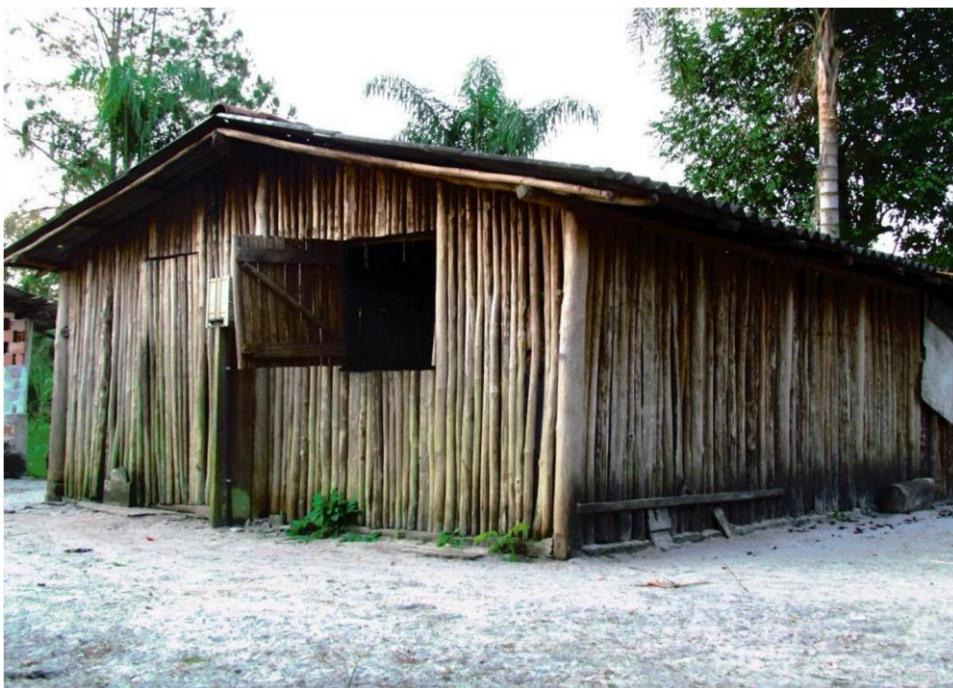


## **ANEXO 2 - ESTRADA ECOLÓGICA DO GUARAGUAÇU.**



FONTE: A AUTORA, SETEMBRO DE 2015

## **ANEXO 3 –CASA, TRIBO M’BYA GUARANI DO GUARAGUAÇU.**



FONTE: ELIZABETE S. PEREIRA. SETEMBRO DE 2015



#### **ANEXO 4: VISITA COM GRUPO ACADÊMICO DA UFPR SETOR LITORAL**

Visita guiada ao Sambaqui do Guaraguaçu em 2014, como requisito parcial de nota para o módulo de Projeto de Aprendizagem (PA) da UFPR Setor Litoral, durante a construção da pesquisa “Otimização Turística do Sambaqui do Guaraguaçu” idealizado nos dois anos iniciais do Curso em Gestão de Turismo, pesquisa na qual proporcionou visibilidade para idealização deste trabalho na comunidade do Guaraguaçu.



FONTE: A AUTORA, ARTESANATO INDIGENA M'BYA GUARANI, MAIO DE 2014.

#### ANEXO 4 - VISITA COM GRUPO ACADÊMICO DA UFPR SETOR LITORAL



FONTE: A AUTORA. GRUPO GUIADO REUNIDO EM FRENTE AO SAMBAQUI DO GUARAÇU, MAIO DE 2014



## ANEXO 5 – ESPAÇO CAFÉ CAÇARA E ARTESANATO DO GUARAGUAÇU



FONTE: A AUTORA, VISITA GUIADA AO SAMBAQUI DO GUARAGUAÇU: OTIMIZAÇÃO TURÍSTICA DO SAMBAQUI DO GUARAGUAÇU 2014.

## ANEXO 6 – INGREDIENTES E MODO DE PREPARO CAMBIRA

Para o preparo da Cambira é necessário: - ½ quilo de filé de cação seco ou defumado- 1 cebola picada - 3 tomates picados - 6 bananas da terra “verdolengas” - cheiro-verde e coentro a gosto- 1 raminho de alecrim- molho de tomate a gosto- sal a gosto- óleo.

Lave os filés de cação e em seguida coloque-os na água, deixando de molho por 24 horas, para retirar o excesso de sal. Durante esse período é importante trocar a água com frequência, para que o sal não fique concentrado no peixe. Depois de dessalgar, reserve os filés. Em uma panela de barro, frite a cebola com um pouco de óleo. Em



seguida, acrescente o tomate e tampe a panela, para formar a base do molho. Deixe cozinhar por alguns minutos e adicione o cheiro-verde, o coentro e o alecrim. Coloque um pouco de água e, se achar necessário, adicione um pouco de molho de tomate para dar cor. Depois, acrescente os filés de cação e deixe cozinhar por mais 10 minutos. Por último, descasque as bananas da terra e coloque-as inteiras na panela, para cozinhar junto com o peixe e o molho por mais 5 minutos. As bananas não devem estar muito verdes e nem tão maduras, mas “verdolengas”, na linguagem caiçara, para que fiquem consistentes na hora de servir. A sugestão é utilizar um pouco do próprio molho do peixe para fazer um pirão com farinha de mandioca. Acompanha arroz branco e salada. Rende quatro porções.